

Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta

**Percursos profissionais e de vida dos licenciados da
Universidade Aberta**

3ª edição

(diplomados em 2016, 2017 e 2018)

Relatório Síntese

2021

Ficha Técnica

Título: Percursos profissionais e de vida dos licenciados da UAb

Autores: Pedro Abrantes (coord.), Ana Paula Silva, Barbara Backstrom, Cláudia Neves, Isabel Falé, Marc Jacquinet, Maria do Rosário Ramos, Olga Magano, Susana Henriques

Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta

Instituição: Universidade Aberta

Local: Lisboa

Data de finalização do relatório: Janeiro 2021

Licença: Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



Índice

Sumário Executivo.....	4
Introdução.....	7
1. Nota Metodológica.....	9
2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta	12
3. Percursos de licenciatura na Universidade Aberta	19
4. Balanço de competências.....	27
5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho.....	34
6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta.....	44

Sumário Executivo

O presente relatório apresenta os principais resultados da 3ª edição do questionário sobre os percursos profissionais e de vida dos licenciados da Universidade Aberta, explorando algumas tendências longitudinais, através de comparações com os dados obtidos nas edições anteriores.

Em termos metodológicos, é importante ter em conta que foram convidados a responder ao questionário, em ambiente digital, os 1194 ex-alunos da instituição que completaram a licenciatura entre 2016 e 2018. O período de recolha destes dados decorreu entre maio e julho de 2020, ou seja, entre 1 e 3 anos após a conclusão do curso. Responderam 414 diplomados, correspondendo a 35% do universo, com uma distribuição que variou entre os 27% e os 100% consoante a licenciatura.

Relativamente ao perfil sociodemográfico, os resultados foram muito consistentes com as edições anteriores, destacando-se mais uma vez o equilíbrio entre sexos e a grande diversidade de origens, percursos, escalões etários e condições de vida. A este propósito, é possível salientar que a maioria destes diplomados realizou a sua licenciatura entre os 35 e os 50 anos de idade. Embora se trate de uma instituição de ensino a distância, observa-se alguma concentração dos diplomados na região de Lisboa e Vale do Tejo, tanto como território de origem (39%) como de residência durante o curso (43%).

A generalidade destes diplomados (95%) entrou na licenciatura com o ensino secundário completo, observando-se já alguma expressão daqueles que o fizeram através do ensino profissional ou do reconhecimento de competências (13%). De referir que 6% já possuía outra licenciatura e 4% um bacharelato, enquanto 34% já havia frequentado o ensino superior, mas sem concluir o seu curso. A generalidade (86%) trabalhou a tempo inteiro durante a licenciatura, 67% em funções intermédias (40% em atividades administrativas) e 40% auferia um rendimento mensal de menos de 750 euros. Para se evitar generalizações, valerá a pena, ainda assim, referir que mais de 10% desempenhava já funções altamente qualificadas e especializadas, declarando vencimentos superiores a 1500 euros por mês.

A licenciatura frequentada na Universidade Aberta foi a primeira opção para 85% dos respondentes, sendo a possibilidade estudar com maior flexibilidade e autonomia a motivação mais apontada. De referir que 54% dispuseram do estatuto de “trabalhador-estudante”, sendo esta situação comum entre os funcionários públicos, mas ainda minoritária entre os empregados do setor privado, empresários ou trabalhadores independentes. A esmagadora maioria (95%) teve a casa como o seu local privilegiado de estudo. Um pouco mais de metade dos licenciados terminaram o curso no “tempo esperado” (até 4 anos civis), subsistindo uma diferença assinalável entre licenciaturas, ainda que devamos considerar que uma parte dos estudantes,

devido à sua situação laboral e pessoal, já havia previsto realizar o seu curso num período mais longo. Assim, cerca de 2/3 dos estudantes concluiu a licenciatura no tempo previsto (pelos próprios), situação tanto mais frequente quanto maior a idade dos estudantes.

A classificação média obtida na licenciatura cifrou-se nos 13,8 valores, destacando-se um grupo de 16% de alunos com média igual ou superior a 16, valores ligeiramente superiores às “coortes” anteriores. Em termos de aproveitamento, destacam-se os estudantes mais velhos (acima dos 50 anos), já com licenciatura, com rendimentos mais altos, a desempenhar profissões altamente qualificadas ou a estudar a tempo completo. Aqueles que ingressaram na licenciatura com um título do nível secundário, obtido em modalidades de ensino profissional, educação e formação de adultos ou reconhecimento, validação e certificação de competências obtêm uma classificação média superior aos que ingressaram com um certificado de cursos gerais ou científico-humanísticos e, sobretudo, àqueles que ingressaram apenas com o ensino básico.

Tal como nas edições anteriores, a generalidade dos licenciados demonstra-se satisfeita com o modelo pedagógico, a plataforma digital e as aprendizagens realizadas durante o curso, observando-se valores um pouco mais baixos (na casa dos 80%) relativamente à interação com os docentes e colegas. Em termos de objetivos alcançados, os níveis de auto-perceção são igualmente altos, destacando-se o domínio dos fundamentos do campo de estudo ou área profissional, a melhoria das capacidades de análise, síntese, comunicação, bem como a maior autonomia, cultura geral e sentido crítico.

Relativamente aos impactos da formação no contexto de trabalho, em comparação com a edição anterior, observa-se um crescimento muito significativo da proporção de licenciados que consideraram que as competências adquiridas no curso permitiram a progressão na carreira (de 34,8% para 57,5%), assim como o desenvolvimento da capacidade de explorar oportunidades de emprego (de 36,1% para 57,9%) e do uso das tecnologias nas práticas laborais (de 47,8% para 60,5%). Da comparação mais sistemática da preparação da licenciatura para o trabalho, há uma nítida melhoria, o que significa que os recém-diplomados se sentem melhor preparados para as várias dimensões analisadas do que os seus congéneres dos anos anteriores.

De referir, igualmente, que a larga maioria dos respondentes reconheceu que a licenciatura contribuiu significativamente para o seu bem-estar pessoal, as suas práticas culturais e de cidadania, bem como a capacidade de apoiar os seus familiares. O único item em que a maioria dos licenciados não observou mais-valias prende-se com o efeito da licenciatura nas redes de interconhecimento e interajuda, o que aliás se observa também na rede de contactos profissionais a quem recorrer em caso de dificuldades.

Relativamente às condições objetivas, observa-se igualmente uma evolução significativa. Assim, o segmento dos "especialistas de atividades intelectuais e científicas"

aumentou de 10%, no início da licenciatura, para 28,2%, 1 a 3 anos após a conclusão da licenciatura; o dos "Técnicos e Profissões de Nível Intermédio" cresceu de 30,9% para 34,1%; enquanto os empresários e dirigentes aumentaram de 1,9% para 4,5%. Ou seja, dois terços dos licenciados desempenham hoje funções qualificadas e socialmente privilegiadas. Embora cerca de metade se mantenha na administração pública, observa-se uma transferência de cerca de 7% dos licenciados para o setor privado, mantendo-se o terceiro setor em torno dos 8%.

Esta progressão profissional está em linha com a melhoria do rendimento líquido mensal, entre o período de entrada na licenciatura e a data da aplicação do inquérito, sendo esta acentuada também por aumentos salariais. Assim, quase duplicou o número daqueles que auferem mais de 1000 euros mensais (de 33,4% para 56,3%). Pelo contrário, a proporção dos respondentes com rendimentos inferiores a 750 euros caiu de 40,2% para 16,6%.

Assim, não surpreende que 58,8% dos licenciados tenham afirmado que a licenciatura permitiu melhorar a posição ou condições de trabalho de alguma forma – 43,3% na organização em que já trabalhava e 12,6% noutra organização para a qual passou a trabalhar. De sublinhar ainda que 36,6% indicaram que a licenciatura realizada foi fundamental para a atividade profissional que exercem atualmente, enquanto 44,2% afirmaram que esta formação é útil, sem ser fundamental. Mais de 50% (51,9%) referem que a licenciatura permitiu realizar atividades laborais mais gratificantes, principalmente na organização em que já trabalhava.

Mais de um quarto dos estudantes (28%) que concluíram a licenciatura entre 2016 e 2018 prosseguiu os seus estudos, na grande maioria ao nível de mestrado, existindo uma distribuição equilibrada entre aqueles que o fizeram na Universidade Aberta e aqueles que optaram por outras instituições. Ainda assim, a maioria dos licenciados apenas recebe informação periodicamente da Universidade Aberta, não participando em projetos, eventos ou reuniões da instituição ou organizados por antigos alunos.

Em termos de projetos de futuro, observa-se uma grande diversidade situações, com alguma predominância para uma expectativa prudente de progressão profissional dentro da própria organização em que já se encontram a trabalhar. Quase metade dos diplomados (48%) encara a possibilidade de, no futuro, realizar um curso de pós-graduação, de segundo ou terceiro ciclo, um quarto (26%) considera a possibilidade de realizar uma formação de curta duração nos próximos três anos e apenas 7% uma outra licenciatura.

Introdução

Conhecer os percursos educativos, profissionais e de vida dos seus estudantes constitui um objetivo extremamente rico e útil para dar sentido à atividade docente e para torná-la cada vez mais relevante. A este propósito, ganha particular importância os efeitos das aprendizagens realizadas e dos diplomas obtidos nas diferentes dimensões de vida daqueles que têm sido os nossos alunos. Que diferença temos feito na vida dos nossos estudantes? Que oportunidades e horizontes se têm aberto pelos estudos que realizaram?

Este tem sido o principal objetivo do Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta, reunindo um grupo de professores e investigadores de diferentes departamentos e centros de investigação da instituição. Não se trata um desafio fácil por vários motivos. As aprendizagens realizadas e o efeito das mesmas nos percursos de vida é algo frequentemente imaterial e de difícil aferição, inclusive, para o próprio. O mais importante é, muitas vezes, incorporado de forma inconsciente nas nossas práticas, disposições e identidades. Isto tem implicado, efetivamente, um trabalho intenso na construção, testagem e aperfeiçoamento das perguntas do questionário.

Além disso, os efeitos cognitivos e, sobretudo, sociais ocorrem a diversos tempos. Alguns são imediatos, outros podem demorar vários anos e concretizar-se. Neste caso, decidimos centrar-nos nas perceções dos próprios licenciados entre 1 a 3 anos depois de terem concluído os seus cursos, à semelhança aliás do que têm realizado outras universidades e institutos politécnicos. É certo que, desta forma, é possível que sejam subestimados alguns efeitos imediatos, bem como outros de mais longo prazo, mas trata-se de um momento intermédio, ainda suficientemente próximo para que os estudantes recordem bem a sua experiência estudantil, mas já suficientemente distante para observarem alguns efeitos do próprio diploma nas suas vidas, em particular, na esfera laboral.

De referir igualmente que o facto de os estudantes já não frequentarem a Universidade Aberta e se encontrarem em situações geográficas, socioeconómicas e até físicas e psicológicas muito diversas, constitui um desafio extra. Alguns podem não se sentir comprometidos ou motivados para responder, sendo que a obtenção de amostras representativas é fundamental para extrair conclusões fidedignas.

No presente relatório, apresentam-se os principais resultados da 3ª edição do questionário aos licenciados da instituição, aplicado entre maio e julho de 2020, aos estudantes que completaram este nível de ensino entre 2016 e 2018, realizando-se algumas comparações com os resultados das duas edições anteriores.

É certo que não fazemos este caminho sozinhos. Dentro da universidade, a Reitoria tem providenciado o enquadramento institucional e revelado interesse nos resultados; o Gabinete de Gestão Académica e Curricular tem constituído um apoio crucial; os Serviços Informáticos têm sido muito disponíveis na resolução de problemas com a aplicação do questionário em ambiente digital e a Associação dos Antigos Alunos (ALUMNI) ajudou-nos com a divulgação e o incentivo para o preenchimento. Vários professores da Universidade Aberta têm acompanhado o trabalho do Observatório, com questões, sugestões e palavras de incentivo. A todos eles e, sobretudo, aos licenciados que dedicaram o seu tempo a responder às nossas perguntas, gostaríamos de transmitir o nosso sentido agradecimento.

Fora da universidade, é importante ressaltar também os observatórios e linhas de investigação que se têm constituído, a nível nacional e internacional, para produzir conhecimento sobre os trajetos dos diplomados do ensino superior, em parte aliás estimulados pelo crescente interesse da administração e da opinião pública relativamente a esta temática. Sem dúvida que esta tem sido uma fonte muito relevante de ensinamentos, reflexões e fundamentação para a nossa equipa, ainda que nunca esqueçamos que as especificidades da Universidade Aberta, ao nível do contexto, do projeto, das estratégias pedagógicas e dos públicos conferem singularidade ao nosso trabalho e implicam adequações do quadro teórico e metodológico, ou seja, do modo como os dados são recolhidos e interpretados.

A estrutura do relatório respeita as várias dimensões do questionário aos licenciados. Após a nota metodológica, apresentam-se o perfil sociodemográfico dos licenciados. Em seguida, analisam-se as suas experiências e percursos durante a licenciatura, bem como o seu próprio balanço sobre as aprendizagens e competências desenvolvidas no curso. Os dois últimos capítulos centram-se, respetivamente, nos impactos da licenciatura, sobretudo, na esfera laboral e nos projetos educativos e profissionais de futuro.

A irrupção da pandemia de COVID-19 constituiu, este ano, um desafio adicional para a concretização deste trabalho e os dados obtidos deverão ser lidos à luz desta circunstância. É importante, assim, assinalar que a recolha dos dados correspondeu a um período em que muitos dos licenciados se estavam a adaptar aos impactos da pandemia e do confinamento forçado, assim como os próprios serviços da Universidade Aberta.

Por fim, esta é apenas uma primeira apresentação, necessariamente descritiva e exploratória, dos dados obtidos por este questionário. O facto de termos já dados relativos a estudantes licenciados entre 2011 e 2018 permite um manancial de informação muito relevante e que merecerá, certamente, aprofundamentos no futuro próximo. Neste sentido, a equipa irá focar-se durante o ano de 2021 em análises mais aprofundadas de algumas das questões consideradas mais relevantes.

1. Nota Metodológica

A informação que consta do presente relatório é o resultado das respostas obtidas à 3ª edição do Questionário aos Licenciados da Universidade Aberta, concebido e coordenado pelo Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados desta instituição.

Esta 3ª edição incide sobre o universo de indivíduos que se licenciaram na Universidade Aberta entre 2016 e 2018, tendo o questionário sido aplicado entre 26 de maio e 7 de julho de 2020, ou seja, sensivelmente entre 1 e 3 anos após a obtenção do diploma, tempo considerado relevante para aferir os impactos dos estudos realizados nos percursos laborais e de vida. Este critério foi, aliás, seguido nas edições anteriores do questionário, aplicadas entre maio e julho de 2015 (1ª edição, relativa aos licenciados entre 2011 e 2013) e em meses homólogos de 2017 (2ª edição, relativa aos licenciados entre 2014 e 2015), o que torna os dados comparáveis.

De referir que o guião do questionário é o mesmo desde a 1ª edição, tendo-se procedido entre abril e maio de 2020 à sua revisão e pré-testagem, com base nos resultados das edições anteriores. Contudo, introduziram-se apenas melhorias de detalhe, de forma a não colocar em causa a comparabilidade dos dados. Foram igualmente aprofundadas as informações sobre a proteção dos dados e o consentimento de uso das respostas, de acordo com a legislação em vigor.

Assim, a estrutura do questionário manteve a sua organização em cinco secções, a saber: (1) caracterização sociodemográfica; (2) modalidades de acesso e percurso académico na Universidade Aberta; (3) balanço de competências; (4) impactos da licenciatura no percurso laboral e de vida; (5) expectativas face ao futuro. Esta estrutura foi seguida também no presente relatório.

De forma a não desmotivar o preenchimento do questionário por parte dos estudantes, as perguntas relativas à caracterização sociodemográfica foram colocadas no final do questionário, uma vez que são aquelas que, em geral, provocam maiores reservas de resposta em inquéritos deste tipo. Além disso, sendo o impacto da licenciatura o tema central do questionário pareceu-nos mais adequado que essas questões fossem colocadas inicialmente, de forma a não defraudar as expectativas dos respondentes e a captar uma resposta mais alargada nesta secção, ainda que sob pena de captar uma informação menos rica ao nível da caracterização sociodemográfica.

Tal como nas edições anteriores, o questionário foi aplicado remotamente, com recurso à aplicação informática LimeSurvey. Após a aplicação ter sido testada pela equipa do Observatório, foi enviado, a 26 de maio, um convite a todos os indivíduos que se licenciaram na Universidade Aberta em 2016, 2017 ou 2018, com o respetivo *link* de acesso ao formulário para

o preenchimento do questionário. A gestão do processo através desta aplicação assegura que a cada indivíduo é atribuído um *link* distinto, permitindo apenas uma única resposta. Este procedimento impede a utilização indiscriminada do *link*, o que poderia comprometer a fiabilidade dos dados.

Os questionários de aplicação *online* têm como vantagem abranger populações numerosas e dispersas, em termos territoriais, como é o caso dos licenciados da Universidade Aberta. Esta mais-valia foi, aliás, reforçada em 2020, devido às restrições de circulação e interação presencial associadas à pandemia de COVID-19. O facto de os licenciados da Universidade Aberta terem já realizado os seus estudos superiores num ambiente digital é um elemento que, obviamente, facilita o preenchimento de questionários em plataformas informáticas.

Ainda assim, não deixam de ser relevantes alguns procedimentos específicos assumidos pela equipa:

- (1) A articulação entre a equipa do Observatório e os Serviços de Informática da Universidade Aberta, de forma a garantir a qualidade e a disponibilidade contínua do questionário, em termos tecnológicos;
- (2) A formulação das questões da forma mais clara e rigorosa possível, de forma a evitar possíveis incompreensões ou entendimentos divergentes por parte dos respondentes;
- (3) A programação dos vários “percursos” no questionário em função das respostas dadas, evitando por exemplo que os licenciados sejam confrontados com questões que não se aplicam ao seu caso;
- (4) A testagem do instrumento, na própria plataforma informática, por parte da equipa do Observatório antes da sua disponibilização aos estudantes;
- (5) O envolvimento da Associação dos *Alumni* da Universidade Aberta, no sentido de alargar a divulgação do questionário e o apelo ao seu preenchimento por parte dos licenciados;
- (6) A disponibilização de um endereço eletrónico específico para esclarecimento de dúvidas e resposta célere às questões que nos são colocadas sobre o questionário, através do Gabinete de Gestão Académica e Curricular;
- (7) A emissão de um “lembrete” com um pequeno alargamento do prazo de resposta (de 30 de junho a 7 de julho), no sentido de reforçar as taxas de resposta.

Com todos estes procedimentos, tal como se pode observar na tabela 1.1, foi possível alcançar uma taxa de resposta de 35% e que cumpre os critérios de representatividade nas

diferentes licenciaturas. De referir que estas taxas não são divergentes das obtidas nas edições anteriores do estudo, mas nesses casos havia sido necessário o contacto telefónico com os licenciados de alguns dos cursos menos representados, assim como um alargamento mais significativo do período de resposta, o que nesta terceira edição não se revelou necessário.

A partir da base de dados (com 480 casos), removeram-se os casos que não responderam a qualquer questão. Mantiveram-se os casos de resposta incompleta, dado que contêm informação útil para alguns dos indicadores. No total, foi tratada informação de 414 casos. As não respostas foram todas convertidas em casos omissos para não serem contabilizadas no total das respostas.

Tabela 1.1 Taxas de resposta ao Questionário, por licenciatura

Licenciatura	Licenciados	Respostas	Taxa de Resposta
Ciências da Informação e da Documentação	96	30	31%
Ciências do Ambiente	35	16	46%
Ciências Sociais	419	151	36%
Educação	146	50	34%
Estudos Artísticos	31	15	48%
Estudos Europeus	50	17	34%
Gestão	204	55	27%
História	85	30	35%
Humanidades	33	17	52%
Informática / Engenharia Informática	27	13	48%
Línguas Aplicadas ¹	66	18	27%
Matemática e Aplicações	2	2	100%
Total	1194	414	35%

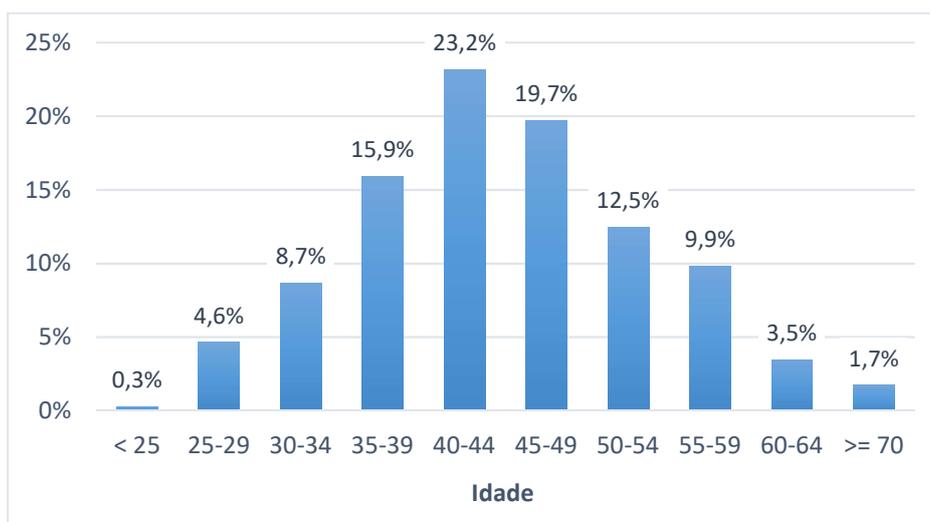
¹ Infelizmente, um problema na transposição da informação para a aplicação informática tornou temporariamente oculta a opção de resposta “Línguas Aplicadas” na questão relativa à licenciatura. Foi possível identificar alguns dos licenciados deste curso, a posteriori, através de uma análise de padrão de resposta a outras questões. Em todo o caso, por uma questão de prudência e rigor, decidiu-se não incluir no relatório análises específicas de resultados para esta Licenciatura. Em todo o caso, a análise por curso não constitui um objetivo central do relatório pelo que surge apenas em questões pontuais.

2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta

Tendo em conta a amostra de respondentes ao questionário, constata-se que, em termos etários, a maior concentração ocorre na faixa etária entre os 45 e os 49 anos, situação na qual se encontram quase 22% dos diplomados e diplomadas. Apesar de uma notável diversidade de idades, podemos constatar que, no momento da resposta ao questionário (2020), a maioria (cerca de 60%) tinha entre os 40 e os 54 anos.

Quanto à idade de conclusão de licenciatura, observamos que a maioria dos graduados terminou a licenciatura entre os 40 e os 44 anos (ver gráfico 2.1). Analisando a amostra no seu todo, determinou-se que a idade média à conclusão da licenciatura é de 44,6 anos (Desvio-Padrão 8,95, no total de 345 respostas).

Gráfico 2.1 Idade dos licenciados da UAb, no final da licenciatura



No que se refere à distribuição por género, pode-se observar que a população é maioritariamente feminina, tal como ocorre no ensino superior como um todo, não obstante uma distribuição bastante equilibrada (gráfico 2.2). De referir, aliás, que a proporção de mulheres é superior em todas as faixas etárias, exceto a partir dos 60 anos (gráfico 2.3).

Gráfico 2.2 Género dos licenciados da UAb (%)

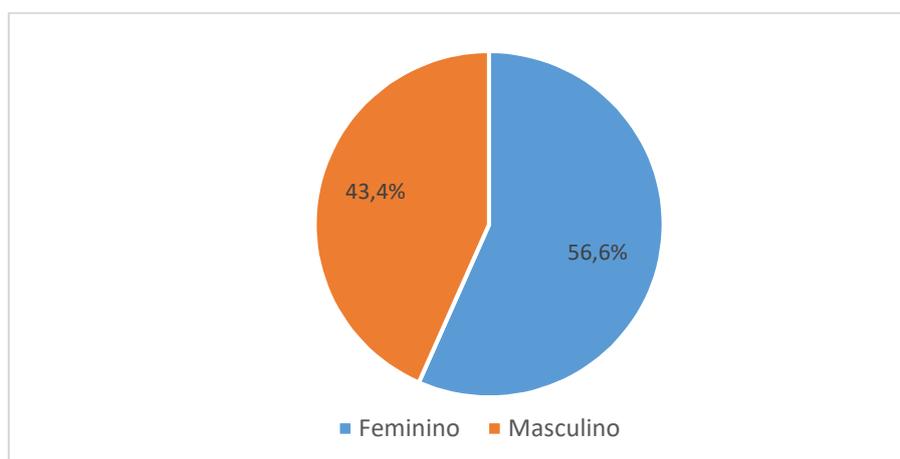
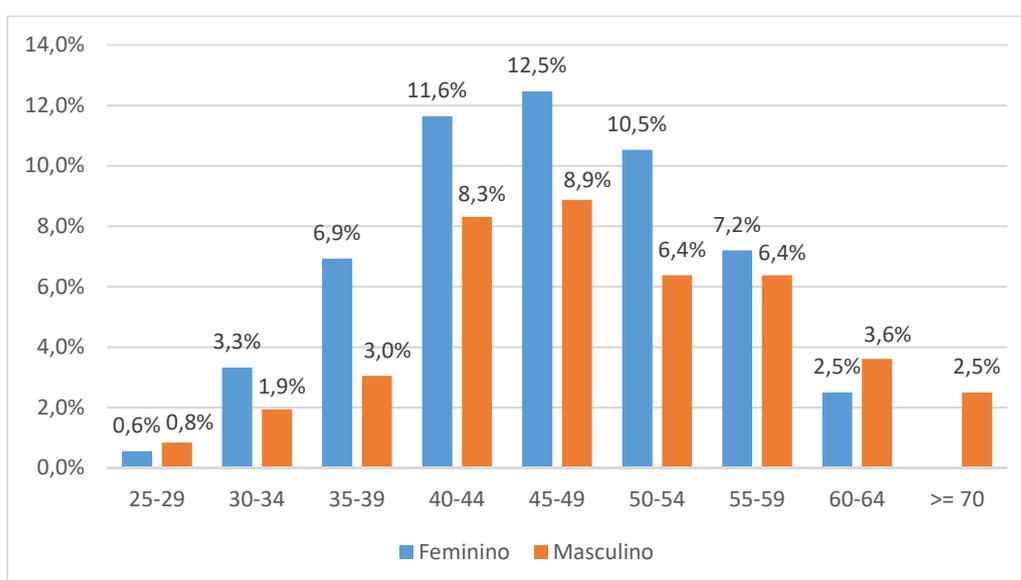
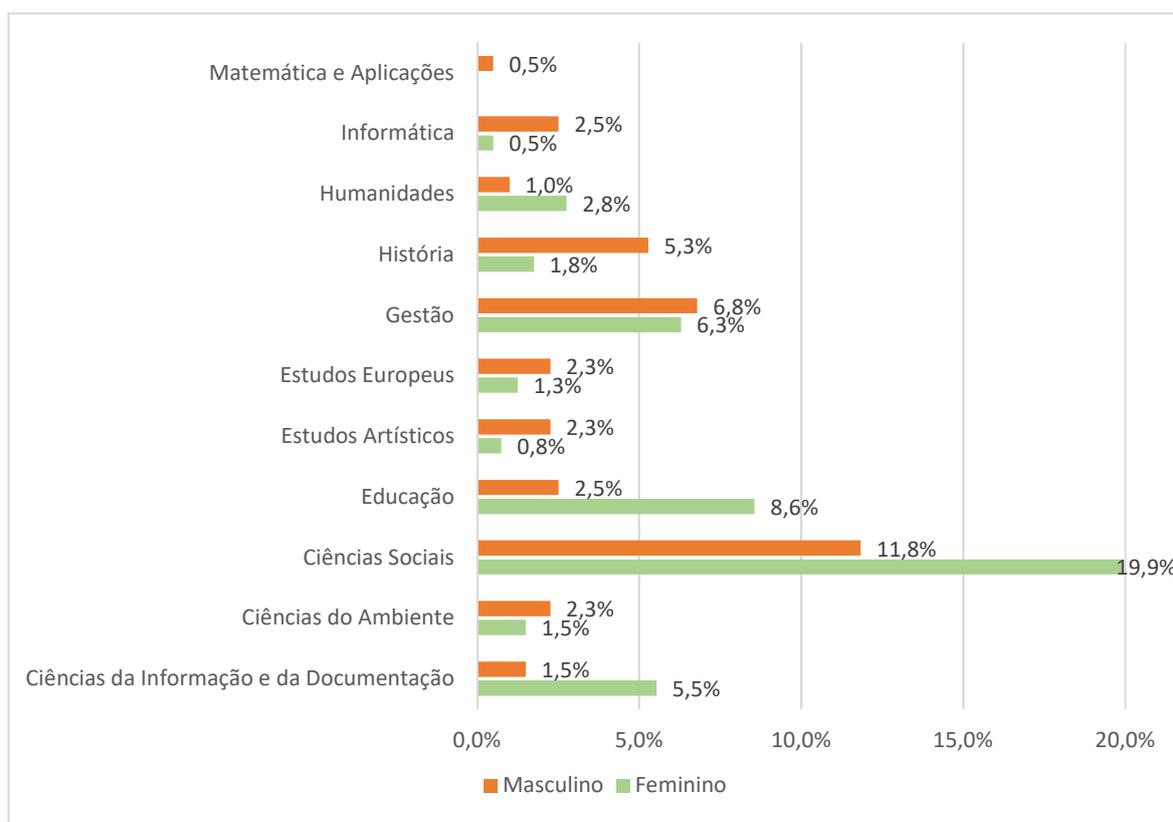


Gráfico 2.3 Género dos licenciados, segundo a Idade no final da licenciatura (%)



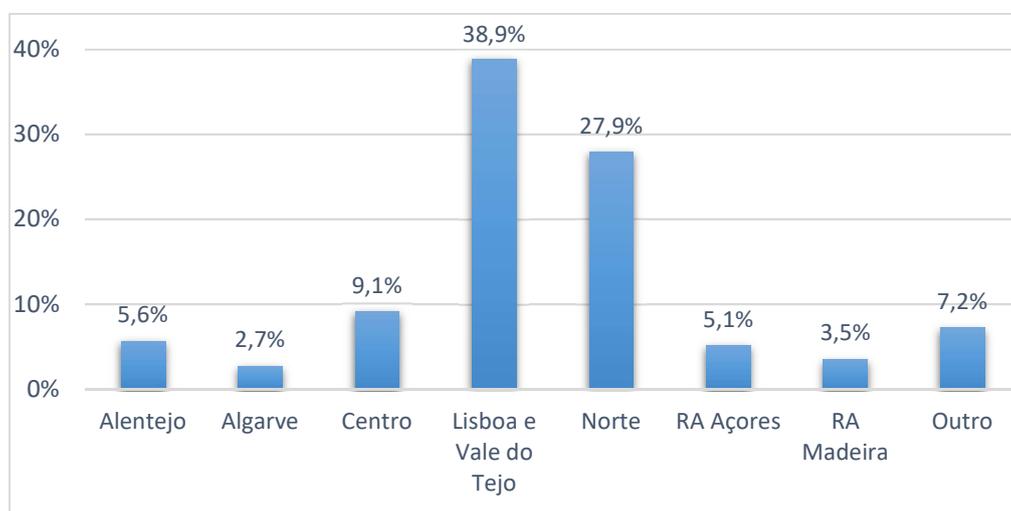
Esta tendência é invertida em algumas áreas de formação. Relativamente à distribuição de género por licenciaturas na Universidade Aberta, é em Gestão, História, Informática, Ciências do Ambiente, Estudos Europeus e Estudos Artísticos que encontramos mais estudantes do sexo masculino (gráfico 2.4).

Gráfico 2.4 Licenciados e Licenciadas em 2016, 2017 e 2018, segundo o género e a licenciatura



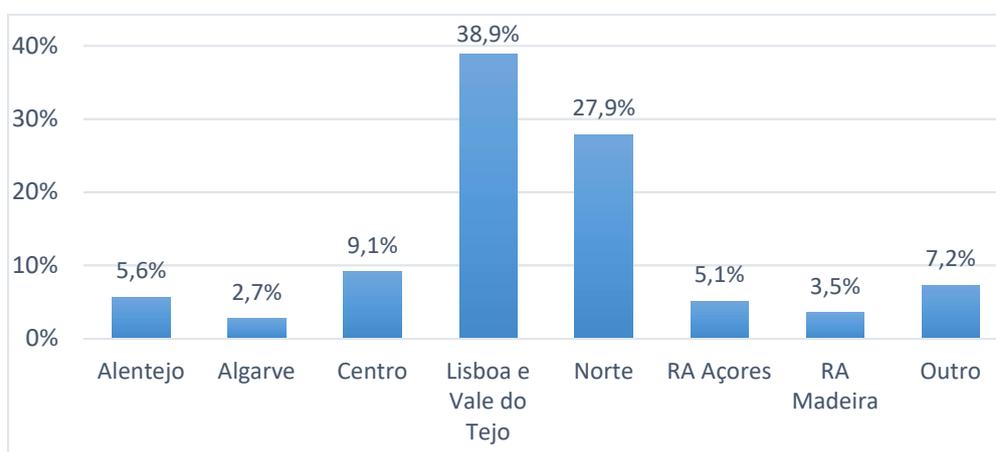
Em termos de região de residência (gráfico 2.5), os graduados e as graduadas nos anos de 2016, 2017 e 2018 viveram a maior parte da infância e adolescência na região de Lisboa e Vale do Tejo (38,9%), na Região Norte (27,9%) e na Região Centro (9,1%).

Gráfico 2.5 Região (NUTSII) de residência até aos 18 anos (%)



A região de residência durante a licenciatura é semelhante à região onde habitaram até aos 18 anos (gráfico 2.6), concentrando-se a maioria dos graduados na Região Lisboa e Vale do Tejo (43,3%), na Região Norte (26,9%) e na Região Centro (7,5 %).

Gráfico 2.6 Região de residência durante a realização da licenciatura (%)



O número de licenciados que residiu no estrangeiro até aos 18 anos é de 7,2% e a residir no estrangeiro durante o período de realização da licenciatura de 4,6 % nesta coorte. Fazendo uma análise da mobilidade geográfica dos 417 respondentes relativamente às duas fases da sua vida (ver tabela 2.1), constata-se que 372 licenciados indicaram a sua residência nos dois períodos questionados, ou seja, onde viveram até aos 18 anos e durante a realização da licenciatura.

Na generalidade das situações, a região de residência mantém-se, embora se identifiquem algumas regiões que apresentam padrões significativos de mobilidade. Por exemplo, dos 21 licenciados que viveram a maior parte da sua infância e adolescência no Alentejo, 18 (85,7%) mantiveram a região de residência durante a licenciatura e 3 (14,3%) viviam em Lisboa e Vale do Tejo durante o curso. Outro grupo que evidencia alguma mobilidade é composto pelos 34 licenciados que viveram na Região Centro até aos 18 anos. Destes, 27 (79,4%) licenciados residiam durante o período de realização da sua licenciatura na mesma região, mas 4 (11,8%) viviam na área de Lisboa e Vale do Tejo durante o tempo da licenciatura e 3 distribuíam-se pelas regiões, do Alentejo, Algarve e Norte respetivamente. Podemos ainda destacar a situação da Região Norte, na qual os 104 licenciados que residiram a maior parte do tempo nesta região até aos 18 anos, 88 (84,6%), mantiveram a mesma região de residência durante a licenciatura, mas 11 (10,6%) residiram na região de Lisboa e Vale do Tejo durante o tempo da licenciatura e 4 (3,8%) encontravam-se em países Europeus durante a licenciatura (emigração). É também curioso o comportamento dos 18 licenciados que viveram em África até

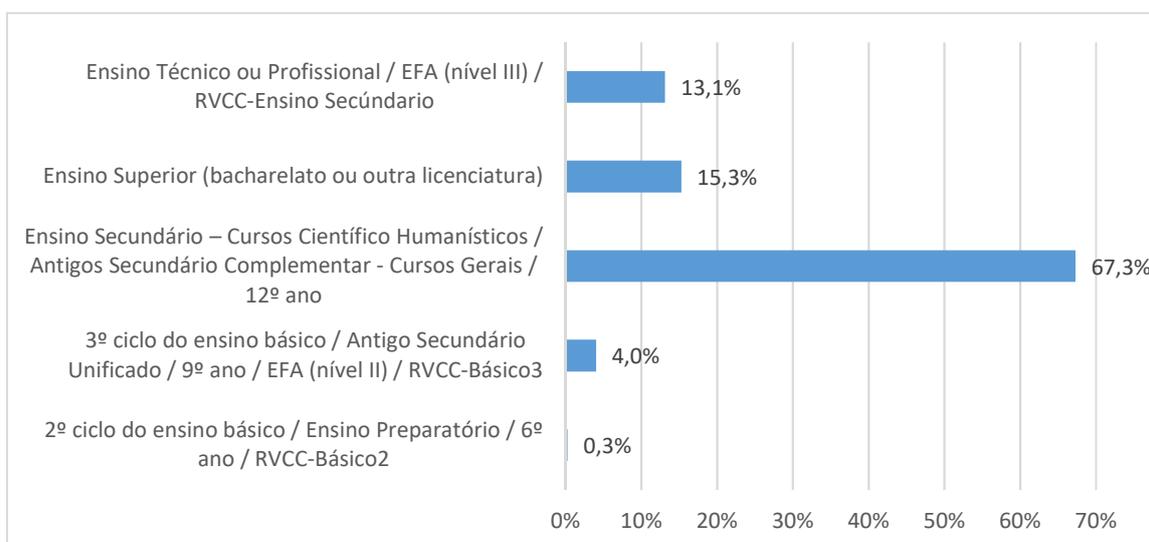
aos 18 anos. Destes, 7 (38,9%) residiam em África durante a sua licenciatura na Universidade Aberta e 9 (50%) residiam em Portugal continental, 1 na Região Autónoma dos Açores e 1 em outro país da Europa. Dos que residiam em Portugal continental, 6 (33,3%) encontravam-se a residir na região de Lisboa e Vale do Tejo, 1 no Centro e 2 no Norte.

Tabela 2.1 – Região/país de residência até aos 18 anos e durante a licenciatura

Em que região/país viveu a maior parte da sua vida, entre os 0 aos 18 anos		Durante a maior parte do tempo em que realizou a licenciatura, em que região/país residiu										Total
		Alentejo	Algarve	Centro	Lisboa e Vale do Tejo	Norte	Região Autónoma dos Açores	Região Autónoma da Madeira	África	América (Norte)	Outro Europa	
Alentejo	Contagem	18	0	0	3	0	0	0	0	0	0	21
	% em Região	85,7%	0,0%	0,0%	14,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Algarve	Contagem	0	9	1	0	0	0	0	0	0	0	10
	% em Região	0,0%	90,0%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Centro	Contagem	1	1	27	4	1	0	0	0	0	0	34
	% em Região	2,9%	2,9%	79,4%	11,8%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Lisboa e Vale do Tejo	Contagem	2	4	0	132	3	1	0	2	1	0	145
	% em Região	1,4%	2,8%	0,0%	91,0%	2,1%	0,7%	0,0%	1,4%	0,7%	0,0%	100,0%
Norte	Contagem	0	0	1	11	88	0	0	0	0	4	104
	% em Região	0,0%	0,0%	1,0%	10,6%	84,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,8%	100,0%
Região Autónoma dos Açores	Contagem	0	0	0	0	1	17	0	1	0	0	19
	% em Região	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,3%	89,5%	0,0%	5,3%	0,0%	0,0%	100,0%
Região Autónoma da Madeira	Contagem	0	0	0	0	0	0	13	0	0	0	13
	% em Região	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
África	Contagem	0	0	1	6	2	1	0	7	0	1	18
	% em Região	0,0%	0,0%	5,6%	33,3%	11,1%	5,6%	0,0%	38,9%	0,0%	5,6%	100,0%
América (Sul)	Contagem	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	3
	% em Região	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	66,7%	100,0%
Outro Europa	Contagem	1	0	0	1	2	0	0	0	0	1	5
	% em Região	20,0%	0,0%	0,0%	20,0%	40,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	100,0%
Total	Contagem	22	14	31	157	97	19	13	10	1	8	372
	%	5,9%	3,8%	8,3%	42,2%	26,1%	5,1%	3,5%	2,7%	0,3%	2,2%	100,0%

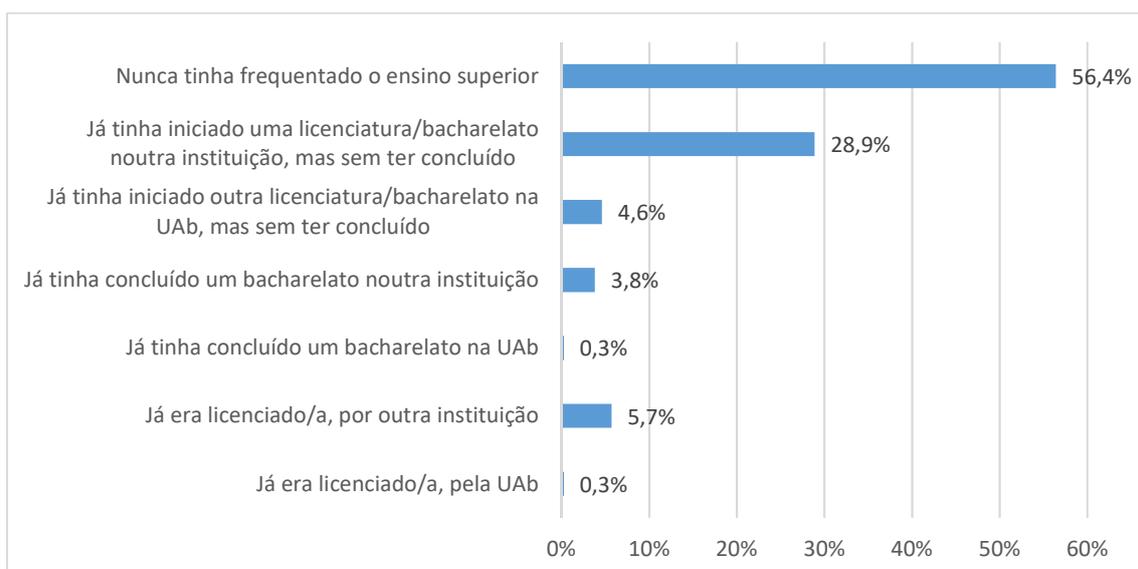
A maioria dos licenciados (67,3% do total de respostas), quando ingressou na Universidade Aberta, detinha o ensino secundário completo (gráfico 2.7). Saliente-se que, em segundo lugar, com 15,3% de respostas, destacam-se os estudantes que já detinham um nível de habilitações literárias correspondente ao ensino superior (bacharelato ou outra licenciatura). Muitos destes ingressaram através da transferência de outra instituição e terminaram a licenciatura em 3 anos ou menos, como veremos mais adiante no capítulo 3. Uma percentagem reduzida, mas ainda assim relevante (13,1%), obteve uma qualificação equivalente ao ensino secundário, através do programa de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

Gráfico 2.7 Nível de escolaridade quando ingressou na Universidade Aberta (%)



Entre os licenciados e as licenciadas que responderam ao inquérito, 43,6% referiram já ter tido alguma experiência anterior no ensino superior e 56,4 % nunca tinham frequentado o ensino superior antes de realizar a licenciatura na Universidade Aberta (gráfico 2.8). Entre aqueles que já tinham experiência no ensino superior, 28,9% já tinham iniciado uma licenciatura/bacharelato numa outra instituição, mas sem ter concluído, e 5,7% já eram licenciados/as por outra instituição ou pela Universidade Aberta (0,3%), sendo esta a segunda licenciatura.

Gráfico 2.8 Experiência anterior no Ensino Superior (%)



3. Percursos de licenciatura na Universidade Aberta

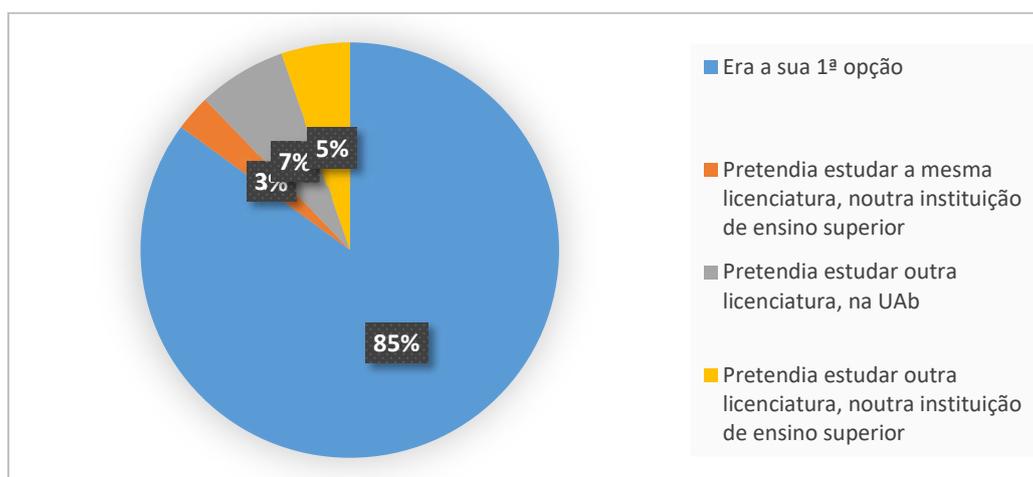
Caracterizar o percurso realizado pelos licenciados da Universidade Aberta, ao longo da sua licenciatura na instituição, não se pode desligar da própria diversidade de perfis, de condições e de motivações desta população.

Um primeiro indicador e que é bem demonstrativo dessa diversidade é o da própria longevidade desses percursos. Neste sentido, os dados agora apurados permitem-nos constatar que pouco mais de metade dos respondentes (54%) terminou a licenciatura no espaço de quatro anos civis (três anos letivos), aquilo que se designa habitualmente como “tempo esperado de conclusão”. Importa não esquecer, porém, que a esmagadora maioria desta população, como se verá adiante, realizou a licenciatura a trabalhar a tempo inteiro e, portanto, a comparação com as licenciaturas em que a generalidade dos estudantes se encontra em dedicação integral aos estudos é falaciosa. Assim sendo, o questionário inclui também uma pergunta sobre as próprias expectativas de cada estudante, sendo que, segundo este indicador, a percentagem dos licenciados que afirma ter concluído os seus estudos no tempo previsto (pelo próprio) sobe para 63%, um valor ainda assim menor do obtido na primeira edição, referente à coorte que concluiu a licenciatura na Universidade Aberta entre 2010 e 2012 (80%).

Em todo o caso, não é negligenciável a grande diversidade de situações, desde os cerca de 4% que concluíram em menos de 3 anos letivos, com base em processos de equivalência de uma parte das unidades curriculares obtidas noutras licenciaturas e/ou instituições, até aos 16% de licenciados que demoraram mais de seis anos letivos a concluir o seu curso, tendo aliás a amostra incluído um diplomado que obteve o grau precisamente vinte anos após a primeira inscrição no curso. Algumas diferenças entre licenciaturas no que se refere a esta questão são analisadas no final deste capítulo.

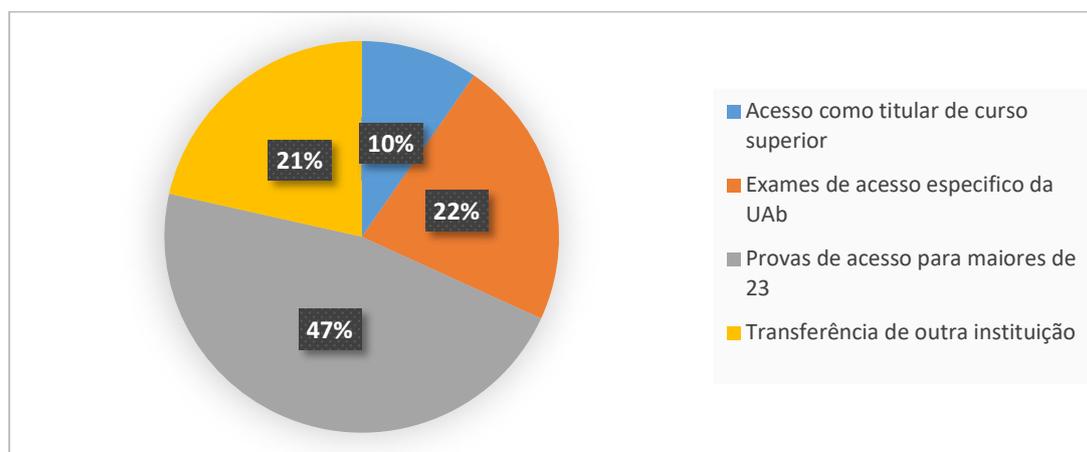
Um segundo aspeto relevante – e revelador do carácter específico da oferta educativa da Universidade Aberta – prende-se com o facto de 85% dos diplomados ter referido que a licenciatura que concluíram na instituição constituiu a primeira opção no momento de matrícula (gráfico 3.1). Este valor não varia de forma significativa entre licenciaturas e reforçou-se face aos 81% que deram esta resposta na edição anterior do questionário, relativa aos licenciados em 2014 e 2015. Entre as restantes opções, é interessante notar que 7% pretendiam estudar noutra licenciatura, mas também na Universidade Aberta, o que revela a preferência por esta instituição dentro deste segmento de estudantes, sendo que apenas 8% pretendiam estudar noutro estabelecimento de ensino superior.

Gráfico 3.1 Opção inicial dos licenciados da Universidade Aberta



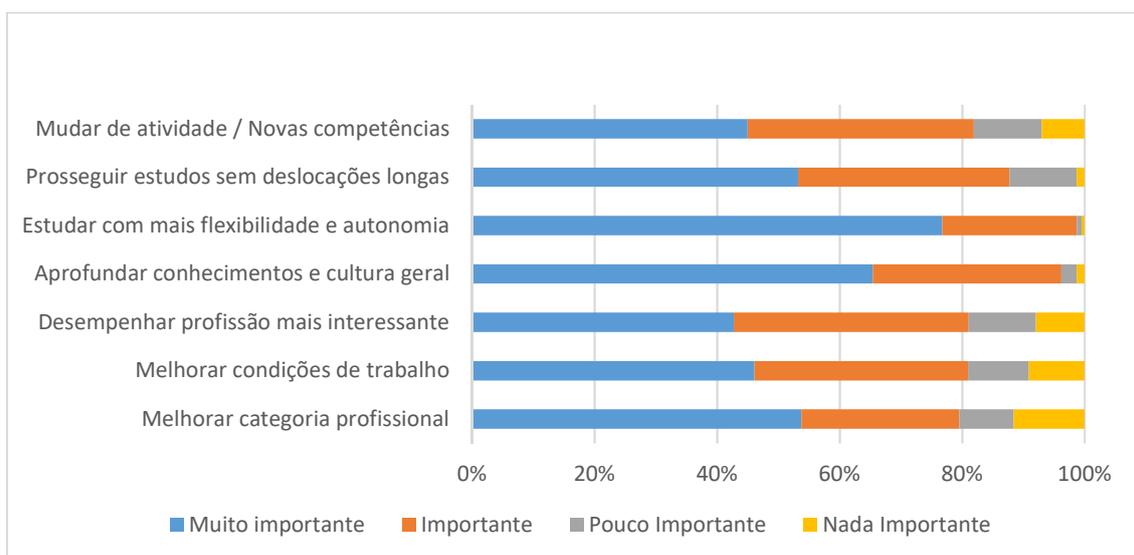
Relativamente ao modo de acesso, tal como ocorrera nas edições anteriores deste inquérito, observou-se que a maioria (47%) realizou-o através das provas gerais para maiores de 23 anos, previstas na legislação para todas as instituições do ensino superior, embora se confirme, também neste item, uma notável diversidade de modalidades utilizadas, independentemente da faixa etária (gráfico 3.2). Porém, é interessante notar que 21% ingressou através de transferência de outra instituição do ensino superior, sendo uma situação mais comum, curiosamente, entre os licenciados mais jovens e entre aqueles com mais idade. 10% dos licenciados ingressaram diretamente por já deter outra licenciatura, situação mais comum nas licenciaturas de História (17%), Gestão (15%), Humanidades (24%) e Informática (39%).

Gráfico 3.2 Modalidade de Ingresso na Universidade Aberta



Quanto às motivações para a realização da licenciatura na Universidade Aberta (gráfico 3.3), tal como ocorrera nas duas edições anteriores deste questionário, continuam a ser variadas, sendo a possibilidade de estudar com mais flexibilidade e autonomia aquela que reúne a concordância da generalidade dos licenciados (77% consideraram-no “muito importante” e 22% “importante”). É certo que as motivações de melhoria da situação laboral e das condições profissionais são também apontadas pela maioria dos licenciados, mas o mesmo acontece com as motivações mais intrínsecas, relativas à valorização do saber. Estamos, portanto, perante motivações que se combinam e reforçam mutuamente, na larga maioria dos casos. Ainda assim, observa-se uma já esperada assimetria geracional: aqueles que ingressaram numa idade mais precoce na Universidade Aberta valorizam, sobretudo, as oportunidades de melhoria da situação profissional, enquanto aqueles que realizaram a licenciatura numa etapa mais tardia tendem a valorizar mais as possibilidades de aprofundar conhecimentos e cultura geral, com flexibilidade, autonomia e sem realizar deslocações longas.

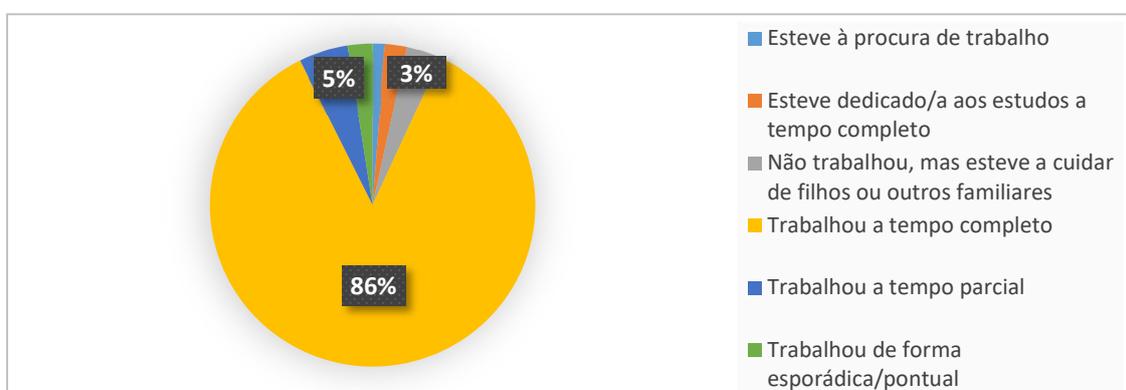
Gráfico 3.3 Importância atribuída a diferentes motivos para o ingresso na Universidade Aberta



Apesar de se verificar uma ligeira redução da *coorte* de 2014-15 para a de 2016-18 (de 90% para 86%), continua a constatar-se que a larga maioria dos licenciados trabalhou a tempo inteiro enquanto frequentava a licenciatura (Gráfico 3.4), tendo o trabalho a tempo parcial ainda uma expressão muito pequena (5%). Estes valores apresentam variações mínimas entre sexos, sendo aliás a taxa de emprego a tempo completo superior no caso das mulheres (88%) face aos homens (85%). Apenas 2% esteve dedicado aos estudos a tempo completo, encontrando-se este

segmento concentrado na faixa dos maiores de 50 anos, correspondendo, provavelmente, a pessoas em situação de aposentação. Esta situação contrasta com o observado nas restantes Universidades, o que deixa bem evidente o carácter específico do público da Universidade Aberta. De referir, ainda assim, que, no segmento que entrou na licenciatura com menos de 30 anos, aumentou de forma significativa a proporção daqueles que trabalharam a tempo parcial (12%) ou de forma esporádica (8%), o que poderá estar associado à crise económica que afetou o país no período em que realizaram o curso.

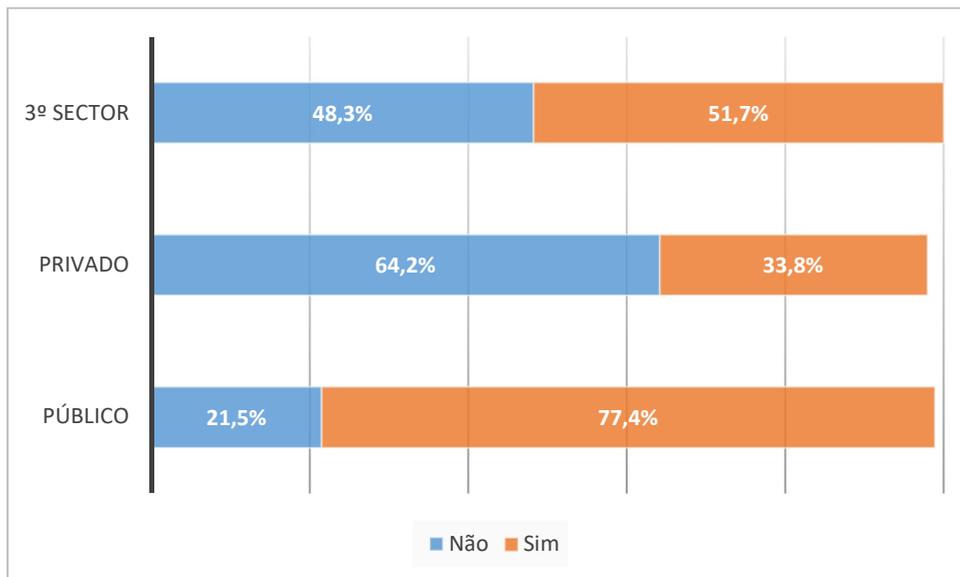
Gráfico 3.4 Situação laboral dos licenciados da Universidade Aberta, enquanto frequentavam a maior parte da licenciatura



Por seu lado, apesar de um ligeiro aumento face à edição anterior (de 52% para 54%), continua-se a observar que uma grande proporção de licenciados (mais de 30%) não solicitou o estatuto de “trabalhador estudante”, apesar de trabalhar a tempo inteiro, o que de alguma forma poderá ter sido um obstáculo adicional à realização dos seus estudos.

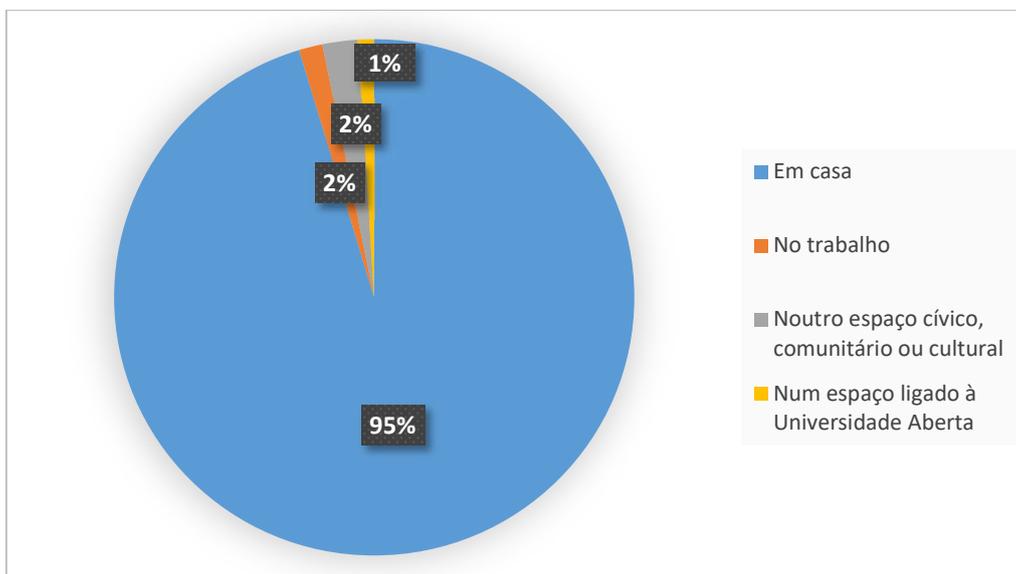
O questionário não permite constatar os motivos para tal facto, mas é possível constatar que este estatuto é adotado pela maioria dos trabalhadores com vínculo permanente (68%), o que já não ocorre entre os trabalhadores a tempo certo (44%) e ainda menos no caso daqueles que são empresários ou trabalhadores independentes. Existe igualmente um contraste muito significativo entre regimes jurídicos: 77% daqueles que trabalhavam na administração pública, mas apenas 34% daqueles que exerciam funções em empresas privadas, dispuseram do estatuto de “trabalhador-estudante” (gráfico 3.5).

Gráfico 3.5 Licenciados que dispuseram do estatuto de “trabalhador-estudante”



O local de estudo preferencial da generalidade dos estudantes continua a ser o domicílio, apesar de se observar uma ligeira redução (de 97% para 95%) na *coorte* mais recente de licenciados, relativamente aos que terminaram o curso em 2014 e 2015 (gráfico 3.6).

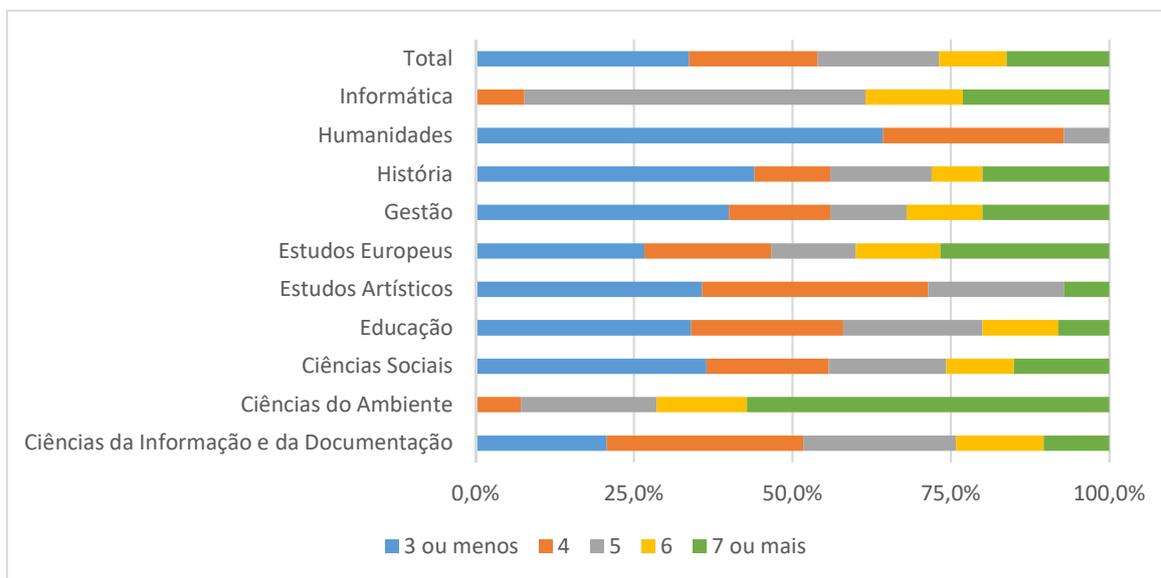
Gráfico 3.6 Principal local de estudo, durante a licenciatura



Por fim, a análise da duração do curso entre cursos permite observar algumas diferenças (gráfico 3.7). Estes dados sugerem que Informática e Ciências do Ambiente são as licenciaturas em que menos de 25% dos estudantes concluem os seus estudos dentro do “tempo esperado” (até

quatro anos civis). Seguem-se Estudos Europeus, com menos de 50% de licenciados nessas circunstâncias. No extremo oposto, Humanidades e Estudos Artísticos são aqueles em que menos de 30% dos respondentes demorou mais de quatro anos (civis) a obter o seu grau.

Gráfico 3.7 Número de anos (civis) entre a entrada na licenciatura e a obtenção do grau



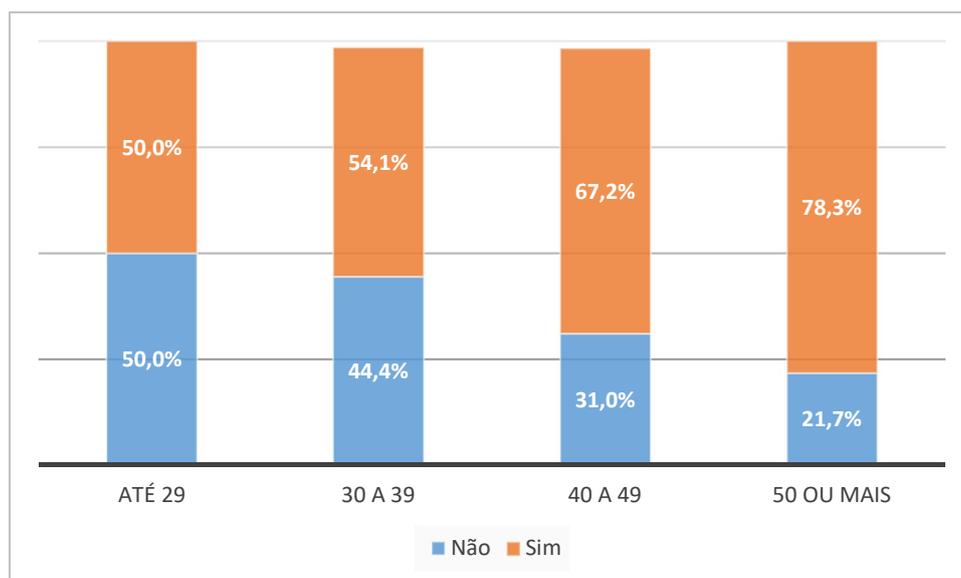
Comparando apenas os cursos com um maior número de licenciados (nos quais as variações serão menores), é interessante observar que as divergências parecem ter-se esbatido face às edições anteriores, ainda que continue a ser observável na área da Educação uma menor proporção de licenciados que demoram mais de 6 anos (civis) a concluir o curso (8%), em comparação com as licenciaturas de Gestão (20%) e de Ciências Sociais (15%).

De referir que estas diferenças entre cursos não variam muito quando entramos em linha de conta com o tempo que cada um dos licenciados previa inicialmente demorar para concluir o seu curso. Ou seja, mais de 80% dos licenciados em Humanidades ou História concluíram os seus estudos no tempo que previam, mas este valor foi menor a 50% no caso dos licenciados em Estudos Europeus, Ciências do Ambiente e Informática. No caso das licenciaturas com um maior número de estudantes, a Educação e as Ciências Sociais destacam-se com uma maior proporção de licenciados a concluir o seu curso no tempo previsto (68% e 65%, respetivamente), em comparação com a Gestão (58%).

Uma comparação etária permite observar que, curiosamente, são os licenciados que entraram na licenciatura num período intermédio (entre os 30 e os 50 anos) que terminam o curso dentro do “tempo esperado” (4 anos civis ou menos), apesar das diferenças não serem muito relevantes. Contudo, se considerarmos as expectativas dos próprios adultos, é muito claro

que a conclusão dos cursos no “tempo previsto” é muito mais recorrente nos grupos etários mais avançados, uma vez que estes terão provavelmente uma menor urgência e uma maior capacidade de previsão, no início da licenciatura, do tempo que demorariam a completar os seus estudos (Gráfico 3.8).

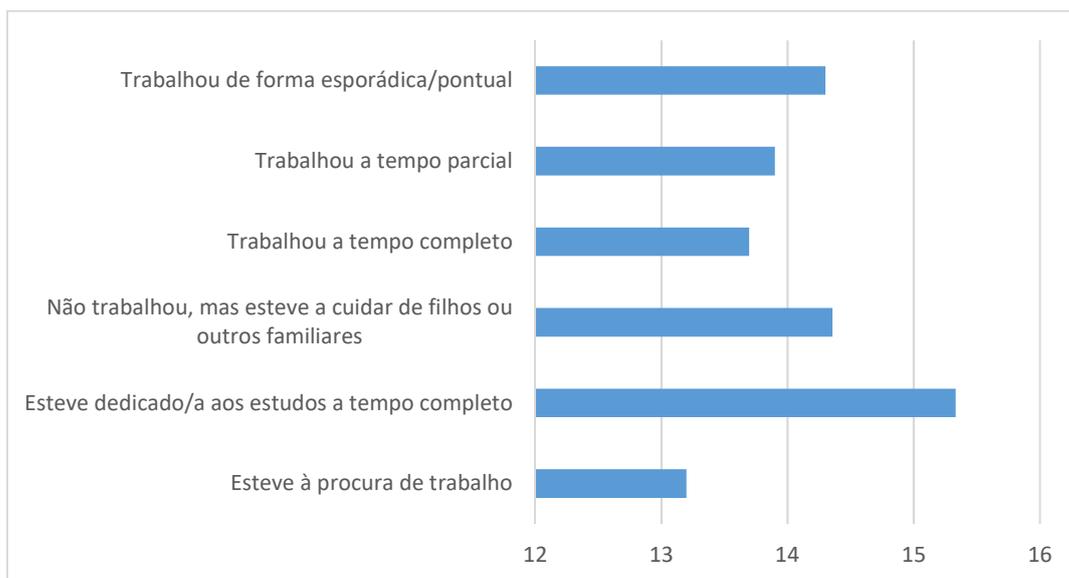
Gráfico 3.8 Conclusão no tempo previsto (pelos próprios), segundo o grupo etário dos licenciados no momento de entrada na licenciatura



Quanto à “qualidade do sucesso”, podemos observar que a média das classificações finais dos licenciados na geração de 2016 a 2018 foi 13,8 (de 0 a 20), um valor ligeiramente superior às edições anteriores (13,7 entre os licenciados de 2010 a 2012; 13,5 entre os licenciados de 2014 e 2015). Também a proporção dos licenciados que terminou com uma classificação final igual ou superior a 16 valores cresceu ligeiramente, cifrando-se em 11%, quando havia abrangido 10% dos licenciados nas duas edições anteriores.

Mais uma vez, o segmento dos licenciados que se matriculou já depois dos 50 anos de idade obteve médias ligeiramente superiores (14,1 valores), registando 20% de casos com uma classificação final acima dos 15 valores. Contudo a relação entre classificações e idade também não é linear, pois o grupo etário que se destaca, em seguida, é o daqueles que ingressaram entre os 30 e os 39 anos, com uma média de 14,0 valores e 15% dos licenciados com uma classificação final igual ou superior a 16 valores.

Gráfico 3.9 Classificação final média, segundo a situação profissional²



Tal como observado na primeira edição, os estudantes dedicados aos estudos a tempo completo tendem a obter classificações mais elevadas (média superior a 15 valores), enquanto aqueles que estavam a trabalhar a tempo completo ou à procura de emprego obtiveram resultados ligeiramente mais baixos (gráfico 3.9). De igual forma, aqueles que já exerciam, no início da licenciatura, funções de especialistas das atividades intelectuais e científicas, assim como nas forças armadas, obtiveram, em média, classificações mais elevadas (acima de 14,3), enquanto os restantes grupos profissionais registam médias inferiores a 14 valores. Também aqueles que documentaram rendimentos líquidos superiores a 1500 euros mensais, no ano de entrada no curso, registam resultados médios na licenciatura superiores (14,5), tendo a classificação final pouca relação com o nível de rendimentos auferidos abaixo desse patamar.

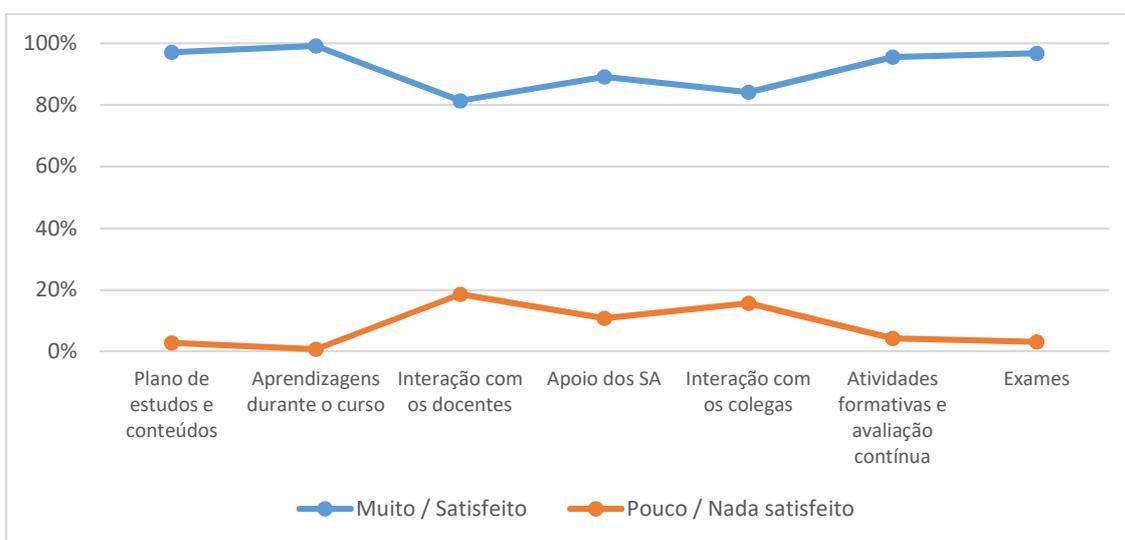
Não deixa igualmente de ser relevante que aqueles que ingressaram na licenciatura da Universidade Aberta com um título anterior do ensino superior obtêm, em média, uma classificação final superior (14,7 valores), mas não existem diferenças relevantes relativamente às restantes modalidades de acesso. Além disso, aqueles que ingressaram na licenciatura com um título do nível secundário, obtido em modalidades de ensino profissional, educação e formação de adultos ou reconhecimento, validação e certificação de competências obtêm uma classificação média de licenciatura (14 valores) superior aos que ingressaram com um certificado de cursos gerais ou científico-humanísticos (13,7 valores) e, sobretudo, àqueles que ingressaram apenas com o 3º ciclo do ensino básico (13,3 valores).

² As classificações podem variar entre 0 e 20, no total das avaliações, e entre 10 e 20 valores, no caso das unidades curriculares aprovadas pelos estudantes

4. Balanço de competências

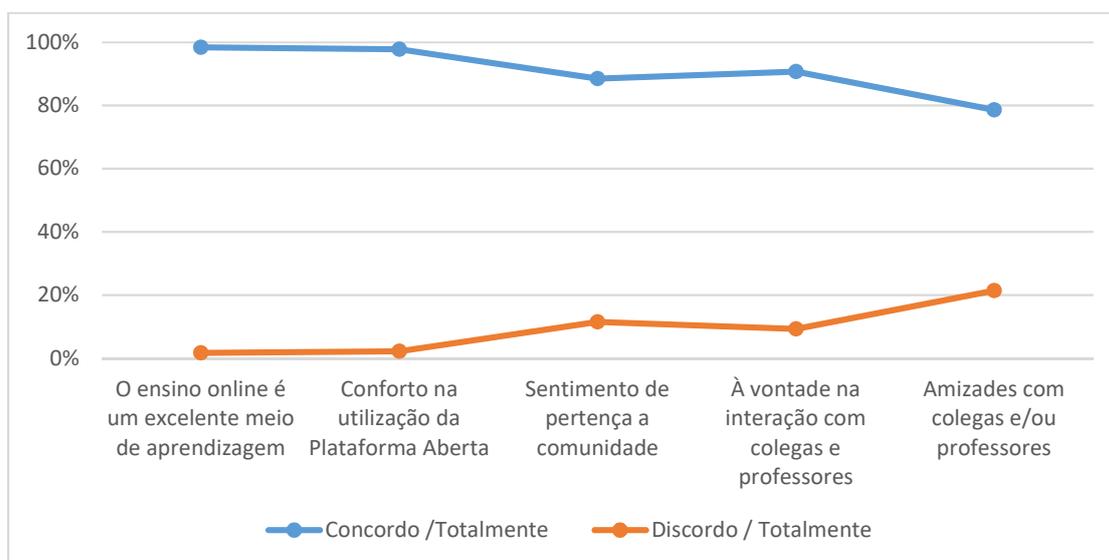
A maioria dos inquiridos referiu estar satisfeito ou muito satisfeito com o curso que realizaram na Universidade Aberta, concretamente, no que se refere ao plano de estudos e aos conteúdos, às aprendizagens realizadas durante o curso e às atividades de avaliação (formativa, contínua e final) (Gráfico 4.1).

Gráfico 4.1 Grau de satisfação com o curso na UAb (%)



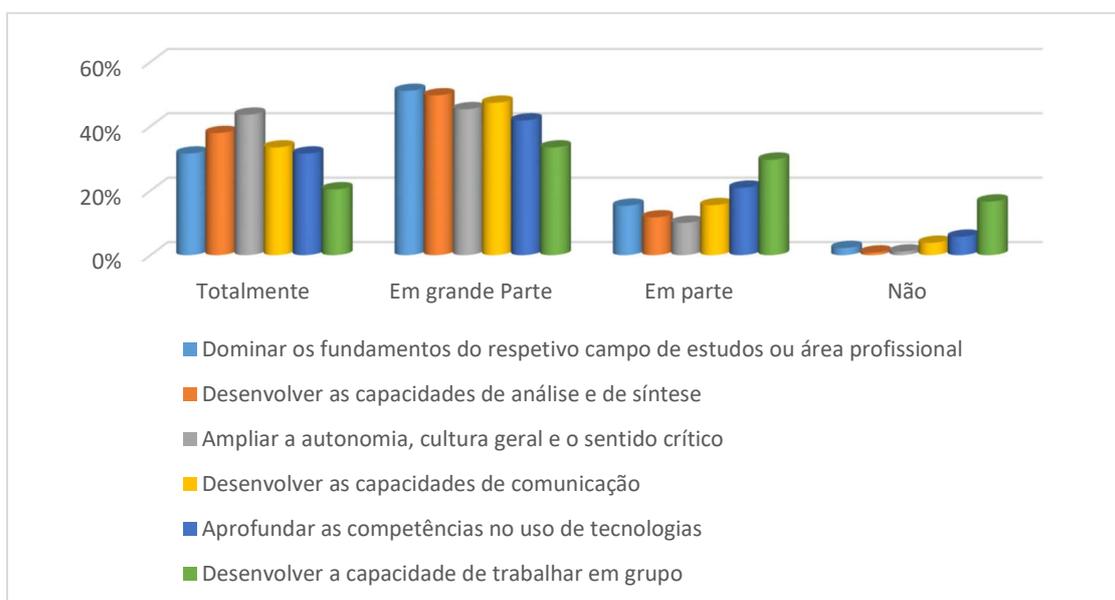
Ao indicarem o seu grau de concordância com um conjunto de afirmações relativas à experiência de Educação a Distância na Universidade Aberta, a tendência positiva da resposta anterior manteve-se. A maioria dos respondentes reconhece a importância da educação a distância para a aprendizagem e refere ter sentido conforto na utilização da plataforma. O sentimento de pertença a uma comunidade em que existe facilidade de interação, bem como o desenvolvimento de amizades, são outros aspetos que também mereceram elevado grau de concordância por parte dos diplomados da UAb (Gráfico 4.2).

Gráfico 4.2 Grau de concordância com a experiência de Ensino a Distância na UAb (%)



Relativamente ao facto de o curso ter permitido atingir os objetivos definidos, a grande maioria dos diplomados inquiridos referiu que o curso permitiu atingir grande parte, e até a maioria, dos objetivos. O Gráfico 4.3 evidencia claramente o sentido positivo das respostas e o facto de, em grande medida, os diplomados dos vários cursos considerarem ter um maior domínio dos fundamentos do campo de estudo ou área profissional, maiores capacidades de análise, síntese, comunicação, maior autonomia, cultural geral e sentido crítico. Em relação às edições anteriores (1ª e 2ª edições), há uma melhoria das proporções positivas (cf. as respostas às categorias 'Totalmente' e 'Em grande parte' gráfico 4.3), não só no uso de tecnologias, como também no desenvolvimento de capacidades de trabalho em grupo.

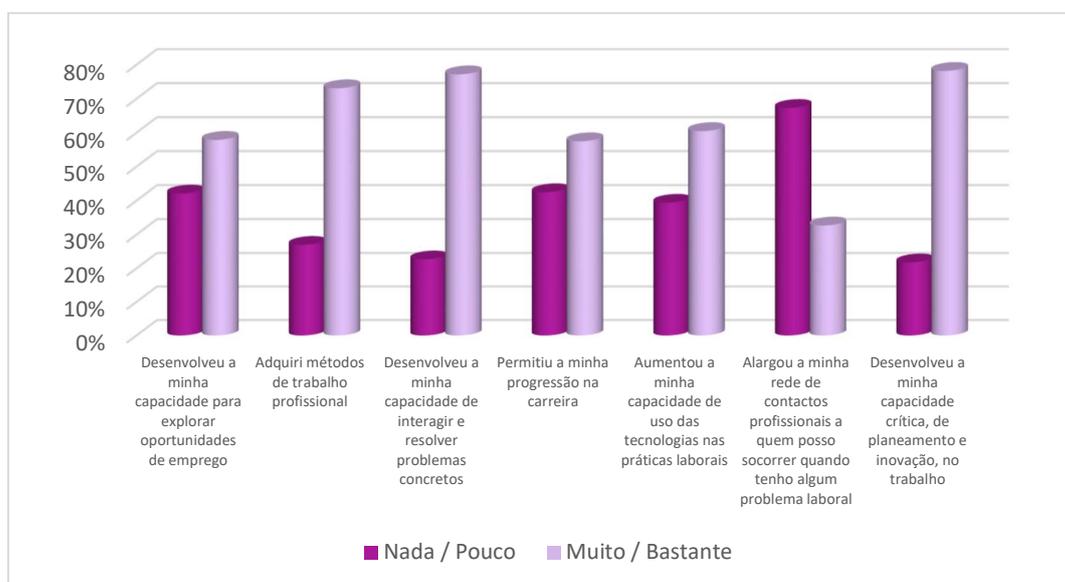
Gráfico 4.3 Medida dos objetivos alcançados com o curso na UAb (%)



Outro dos aspetos considerados no balanço de competências dos diplomados da Universidade Aberta foi a preparação da licenciatura para a vida profissional. Embora a generalidade dos aspetos seja percebida como tendo muito ou bastante impacto nessa preparação, pode-se referir o alargamento da rede de contactos profissionais a quem se pode socorrer quando surge algum problema laboral como um aspeto menos conseguido (Gráfico 4.4).

Este aspeto carece de maior aprofundamento, eventualmente com o recurso a entrevistas a realizar numa segunda fase deste estudo. Este resultado pode evidenciar a necessidade de reforçar a ligação dos cursos com os contextos de empregabilidade dos seus estudantes e diplomados. Se relacionarmos este aspeto com o potencial associado à capacidade de resolução de problemas concretos e de planeamento e inovação no trabalho, reconhecidos como tendo sido desenvolvidos com a licenciatura, identificamos um conjunto de competências de interesse e relevância para os empregadores e para o mercado de trabalho em geral.

Gráfico 4.4 Medida da preparação da licenciatura na UAb para a vida profissional (%)



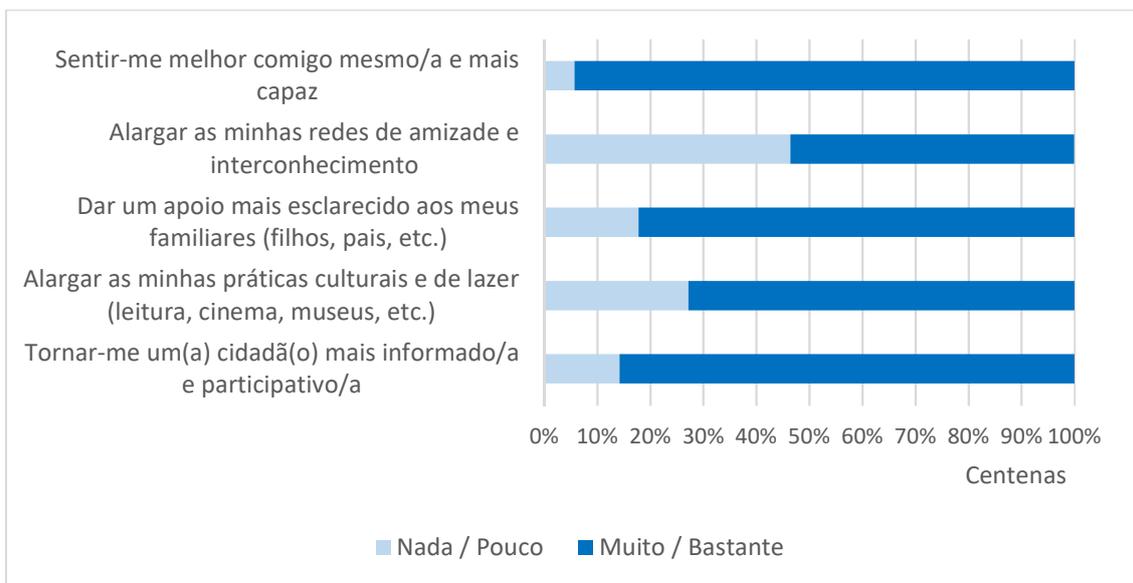
É relevante neste ponto comparar a evolução entre os resultados do presente relatório e os dos anos anteriores. Se neste aspeto da extensão da rede de contactos, o resultado é dos menos expressivos, melhorou em relação ao passado, passando de 30% para 37,2%. É de salientar que há também uma melhoria notável de outros indicadores, sobretudo, aqueles que ultrapassavam já os 50% em 2016-2018, nomeadamente, a preparação providenciada pela licenciatura para a vida profissional. Por exemplo, entre os diplomados do biénio 2014-2015 e os do presente estudo (2016-2018), aqueles que consideraram que as competências adquiridas na licenciatura permitiram a progressão na carreira passaram de 34,8% para 57,5%. No mesmo sentido, aumentou a percentagem daqueles que reconhecem que estas competências permitiram o desenvolvimento da capacidade de explorar oportunidades de emprego, de 36,1% para 57,9%, assim como daqueles que afirmaram que as mesmas permitiram o aumento da capacidade de uso das tecnologias nas práticas laborais, de 47,8% para 60,5%.

Da comparação mais sistemática da preparação da licenciatura para o trabalho, há uma nítida melhoria, o que significa que os recém-diplomados se sentem melhor preparados para as várias dimensões analisadas do que os seus congéneres dos anos anteriores. Valerá a pena analisar estes resultados através de uma atenção mais fina aos perfis profissionais e pessoais dos alunos e verificar se existem novas hipóteses de interpretação a explorar.

Sobre os contributos da licenciatura, destacam-se a valorização pessoal, mas também a maior capacidade de apoiar de forma mais esclarecida os filhos e de ter uma intervenção cívica mais informada (Gráfico 4.5). De referir, ainda, os contributos da licenciatura para o alargamento das redes de amizade e interconhecimento que, tendo sido positivos, foram onde

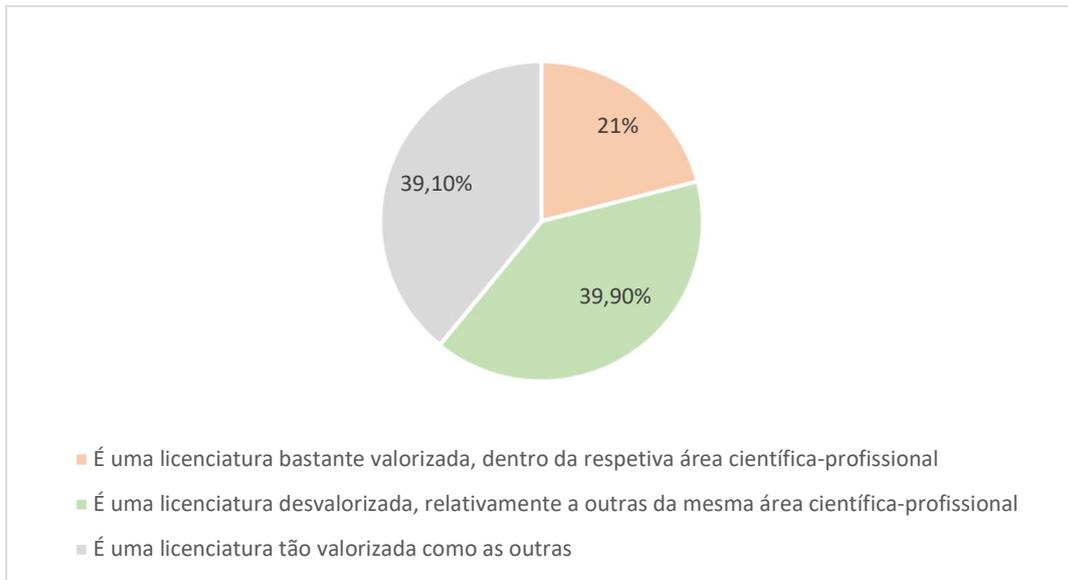
a indicação de “nada / pouco” foi mais elevada. Tal poderá ficar a dever-se ao facto de o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta, para o primeiro ciclo, ser menos colaborativo permitindo a criação de escala dos cursos de licenciatura. Mesmo assim, na maioria dos indicadores do Gráfico 4.5, há uma evolução positiva em relação às *coortes* anteriores.

Gráfico 4.5 Contributos da licenciatura na UAb (%)



No que se refere à percepção pública das licenciaturas da Universidade Aberta, as opiniões dividem-se entre os que a consideram tão válida como outras e os que a desvalorizam (Gráfico 4.6). Ainda assim, destaca-se uma percentagem relevante que considera tratar-se de uma licenciatura bastante valorizada dentro da respetiva área científica e profissional. Neste ponto, a evolução em relação aos anos anteriores é mista, com um aumento da percepção bastante valorizada, que passa de 17,6% na edição anterior para 21% na presente edição, assim como o aumento da percepção desvalorizada, que passa de 33,6% para 39,9%.

Gráfico 4.6 Perceção geral da licenciatura na UAb (%)



Por fim, as características que os respondentes associam a um licenciado da Universidade Aberta podem agrupar-se nas seguintes categorias: (1) Características / competências pessoais; (2) Competências técnicas; (3) Competência sociais. As primeiras remetem para aspetos mais relacionados com o indivíduo e a sua margem de ação. Como ilustração refira-se que vários dos respondentes afirmaram que o licenciado da instituição é resiliente, focado, autónomo, dinâmico, eficaz e eficiente. As competências técnicas remetem para um conjunto de capacidades particularmente adequadas ao mercado de trabalho e ao exercício profissional. Neste âmbito, um licenciado da UAb é detentor de conhecimentos científicos e digitais atualizados, tem capacidade de resolução, de trabalho e de colaboração, com capacidade de gestão do tempo e de organização. Finalmente, as competências sociais remetem para uma dimensão percebida e partilhada da imagem do diplomado desta universidade e do ensino a distância em geral. Nomeadamente, o facto de se tratar de estudantes mais velhos, profissionalmente ativos e com responsabilidades familiares ou o facto de nem sempre verem o seu esforço (e o diploma) reconhecido e valorizado.

A concluir este balanço de competências apresentamos os resultados da análise de conteúdo realizada sobre as mensagens que os licenciados deixaram acerca da experiência na UAb e o respetivo efeito na sua vida. Os aspetos mais referidos nestas mensagens remetem para a valorização pessoal e profissional, destacando a utilidade e mais-valias da frequência do curso e do reforço das qualificações em termos da cultura geral, capacidades de gestão do tempo e organização, assim como do reforço das oportunidades de emprego e carreira.

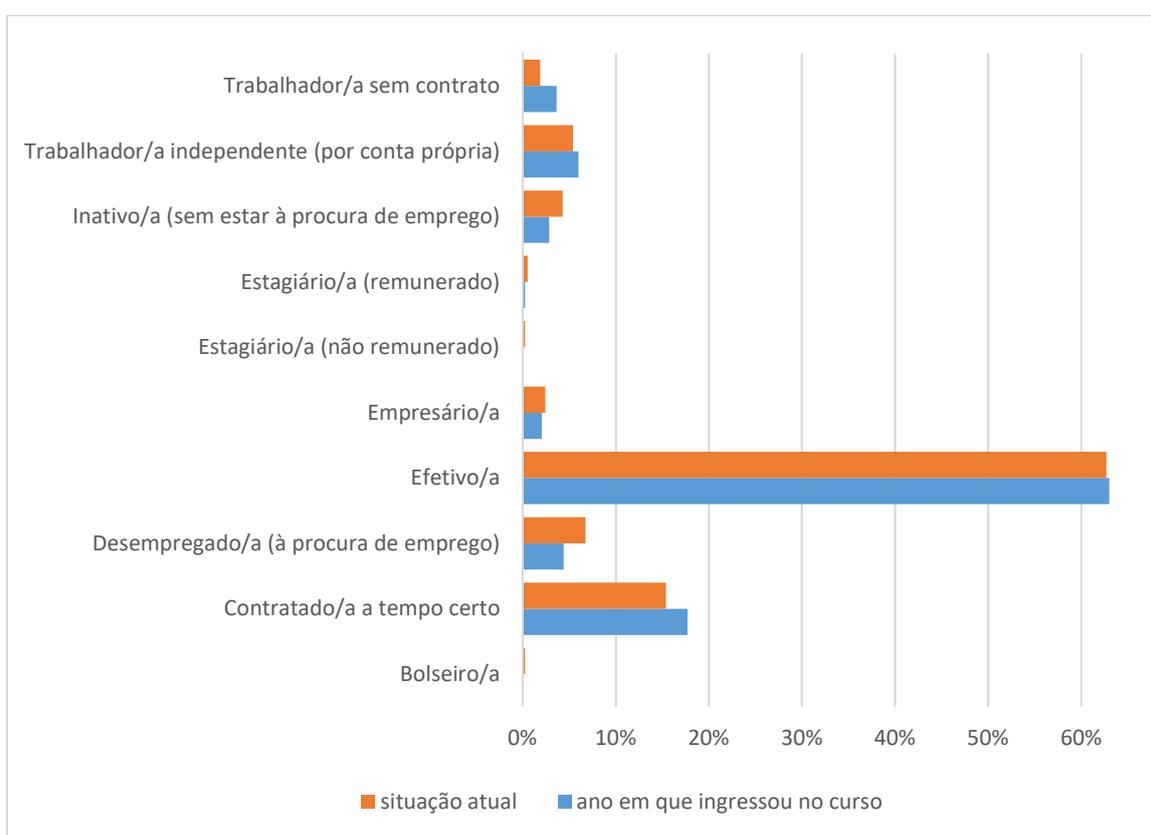
São referidos também aspetos relacionados com os métodos de trabalho e o regime de ensino, em particular, a aquisição de ferramentas que decorrem do facto de o curso ser frequentado a distância, seguindo o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta, nomeadamente, a autorregulação, a persistência, a flexibilidade e o envolvimento. Grande parte destas mensagens expressa de modo transversal uma satisfação e até gratidão para com a UAb na medida em que lhe associam a realização de um sonho, a melhoria das condições na profissão e salariais, da autoestima e autoimagem e uma certa valorização social.

De um modo geral, comparando as respostas dos licenciados em 2014-15 e em 2016-2018, é visível uma melhoria da perceção sobre o trabalho da Universidade que varia entre o moderado e o notável. Existem tendências como o domínio das tecnologias adquiridas e outras competências profissionais (como método de trabalho, espírito crítico ou de iniciativa) que apresentam melhorias importantes e muitas são esperadas dado a evolução da população estudantil. Há também algumas surpresas como a melhoria das competências de trabalho em grupo, o que pode levar a uma reflexão sobre a evolução das práticas pedagógicas e do foco acrescido sobre as competências adquiridas e os objetivos de aprendizagem.

5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho

Os dados relativos à situação profissional dos licenciados entre 1 e 3 anos após a conclusão da licenciatura revelam que apenas num pequeno número de casos houve uma transformação face à situação profissional no início da licenciatura (Gráfico 5.1). Essa situação já se havia observado nas edições anteriores e é relativamente expectável, uma vez que a maioria destes indivíduos já trabalhava a tempo inteiro e com um contrato a tempo indeterminado quando ingressou no ensino superior, existindo aliás um segmento que já era detentor de licenciatura.

Gráfico 5.1 Situação profissional quando ingressou na UAb e no momento atual



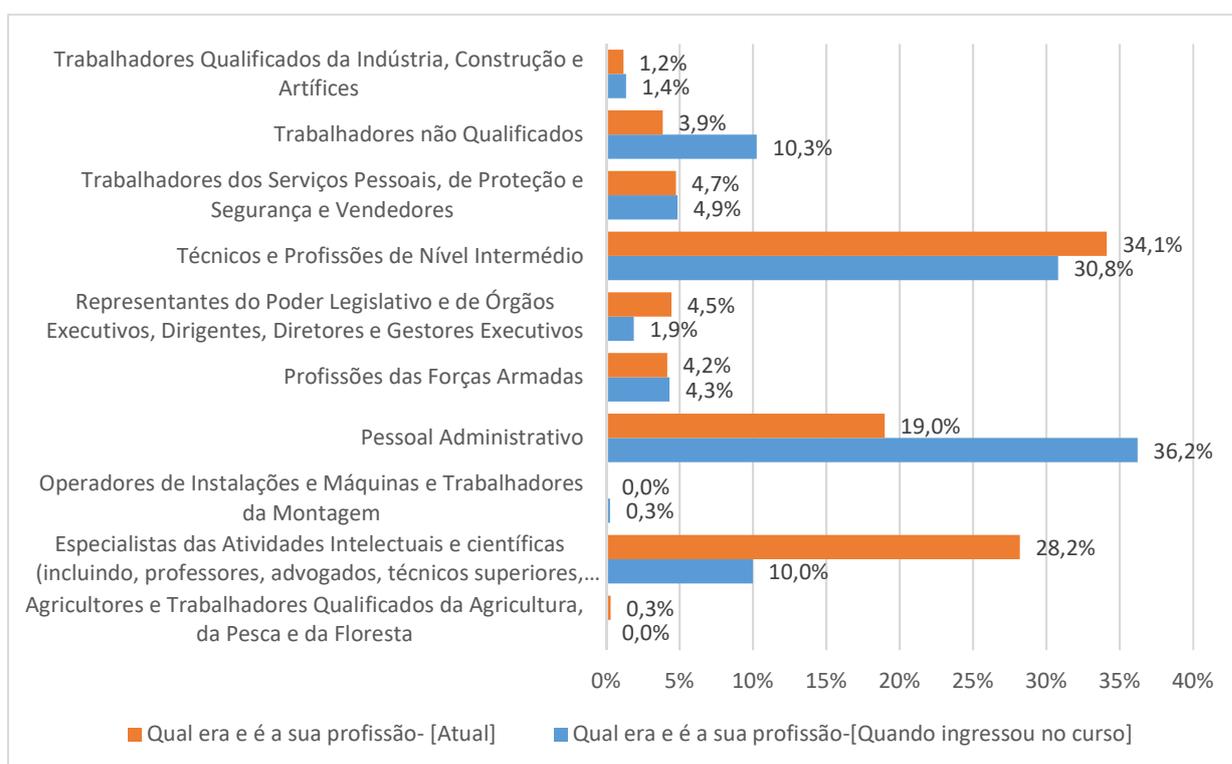
Face ao início da licenciatura, os resultados demonstram uma muito ligeira redução (0,3%) na percentagem de efetivos, uma redução de 2,3% nos contratados a tempo certo (de 17,7% para 15,4%) e um aumento na situação de desempregado à procura de emprego (de 4,4% para 6,8%). Este último indicador reflete um aumento mais expressivo do que na edição anterior. Também se constata um ligeiro aumento na categoria de trabalhador independente e de empresários.

Além de eventuais situações de aposentação e de despedimento para procurar um emprego melhor, é provável que esta situação reflita já um efeito do período mais grave da crise económica vivida em Portugal nos últimos anos, pois o questionário foi respondido já após o período de confinamento, resultante da pandemia de COVID-19.

Simultaneamente, o facto de haver um aumento das categorias de trabalhador por conta própria e de empresário parece indicar que alguns dos licenciados alteraram o seu perfil e uma das hipóteses pode ser a decisão pessoal de partir para a realização de desafios mais ambiciosos e com maior autonomia profissional. Também poderão estar aqui cobertas as situações de passagem à situação de reformado, o que pode elevar ligeiramente o peso relativo das restantes categorias. Em todo o caso, a larga maioria já era efetiva quando ingressou na licenciatura e permanece nessa situação (62,7%).

Atendendo à situação particular dos e das estudantes da Universidade Aberta em que a maioria é trabalhador(a), interessa-nos perceber qual o impacto da obtenção do diploma nas carreiras profissionais. Assim foram apresentados no questionário grandes grupos de profissões, seguindo a Classificação Nacional de Profissões, publicada pelo Instituto Nacional de Estatística, em 2010, quer para as profissões desempenhadas à entrada da licenciatura quer após a conclusão do curso.

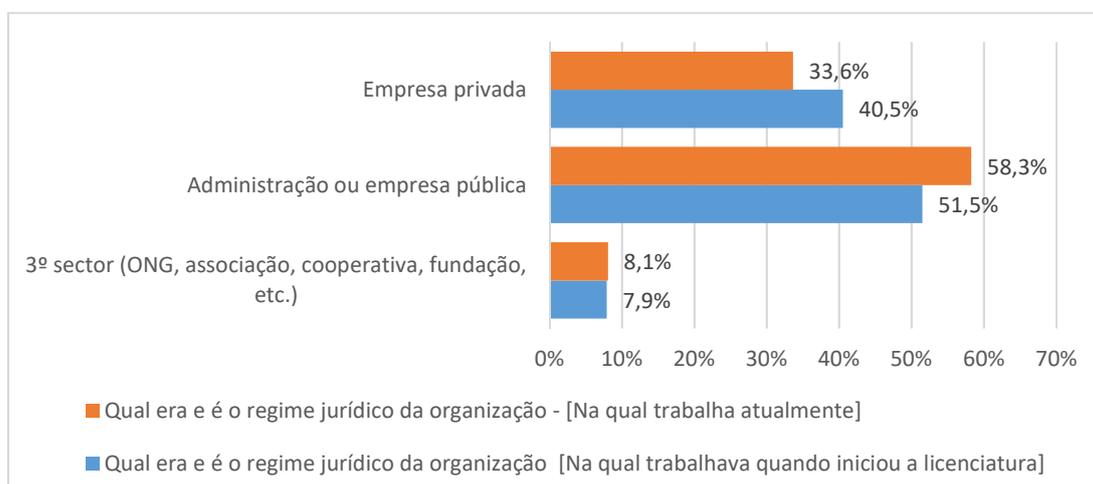
Gráfico 5.2 Profissão à entrada na UAb e profissão atual dos licenciados/as



As profissões desempenhadas à entrada e durante a licenciatura estão concentradas em dois grupos, o grupo do “pessoal administrativo” (36,2%) e o grupo dos "Técnicos e Profissões de Nível Intermédio" (30,8%). Comparando com a situação atual, verifica-se que o grupo do "pessoal administrativo" reduziu o seu peso substancialmente, para 19%, e o grupo dos "especialistas de atividades intelectuais e científicas" conheceu uma evolução oposta, aumentou de 10%, à entrada da licenciatura, para 28,2% na categoria profissional atual (Gráfico 5.2). Este quadro revela, assim, um perfil diferente da edição anterior do inquérito, sendo o grupo mais estável o dos "Técnicos e Profissões de Nível Intermédio" que, ainda assim, aumentou, representando agora 34,1% dos inquiridos. Já o grupo dos trabalhadores não qualificados reduziu-se de forma muito substancial, de 10% para 3,9%, o que é um indicador importante de mobilidade socioprofissional associado à obtenção do grau.

Quanto à categoria jurídica da entidade na qual exercem atualmente as suas atividades profissionais, a organização de administração ou empresa pública apresenta a percentagem mais elevada (58,3%), em comparação com o período do início da licenciatura (51,5%), e permanece maioritária, em linha com a edição anterior do inquérito.

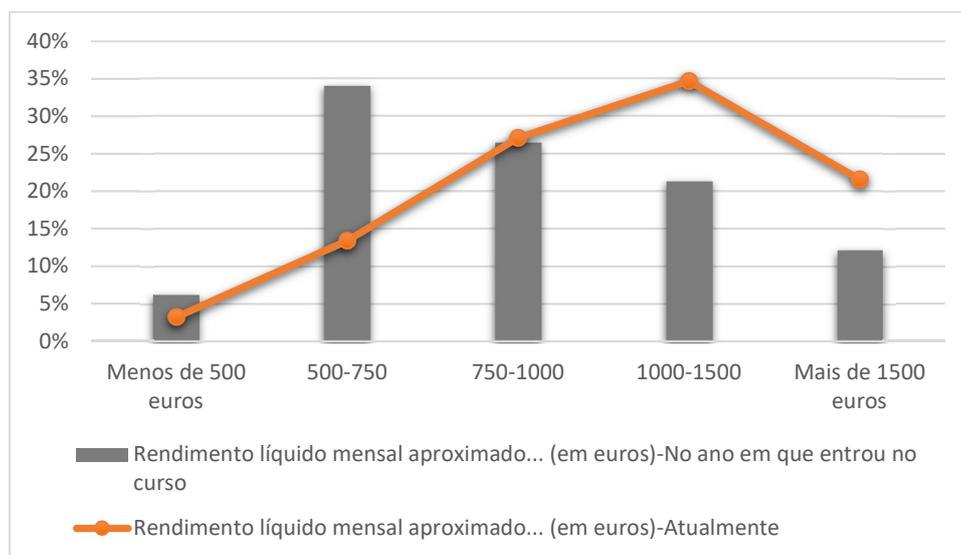
Gráfico 5.3 Regime jurídico da organização à entrada e atual do licenciado e da licenciada da UAb



A análise da distribuição global do rendimento líquido mensal entre o período de entrada na licenciatura e a data da aplicação do inquérito pode ser observada no Gráfico 5.4. As categorias de rendimentos mais elevados passaram a ter mais peso, nomeadamente, na categoria “Mais de 1500 euros” houve um aumento de 12,1% para 21,6%, e na categoria “1000-1500 euros” uma alteração de 21,3% para 34,7%, ou seja, entre 10 e 13% aproximadamente. A categoria “750-1000 euros” apresenta valores idênticos, mas não deverá representar os mesmos indivíduos,

terá ocorrido uma transferência das categorias de rendimentos mais baixos, que diminuiram o seu peso. Com efeito, a categoria abaixo dos 500 euros diminuiu de 6,2% para 3,2% e a categoria de “500-750 euros” diminuiu substancialmente de 34% para 13,4%. Isto poderá estar relacionado com a retoma do emprego neste período e com a revogação, em 2016, dos cortes salariais na administração pública que haviam sido decretadas nos anos anteriores.

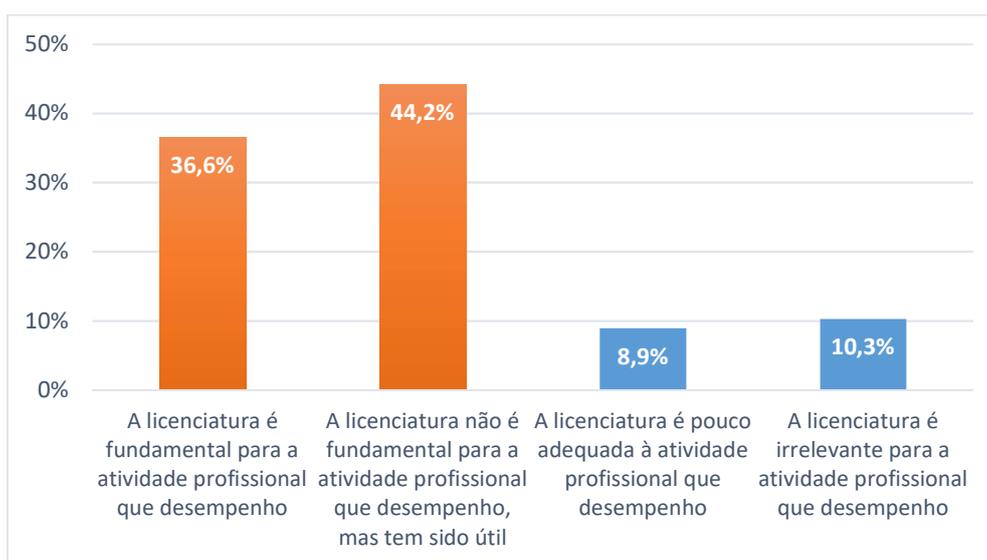
Gráfico 5.4 Rendimento dos licenciados da UAb à entrada do curso e 1-3 anos após a sua conclusão (%)



Questionados sobre a compatibilidade entre a atividade profissional desempenhada e a certificação obtida, constatou-se que as respostas dos/as licenciados/as desta *coorte* estão centradas na sua maioria em duas das opções, sendo que 44,2% indicaram que a licenciatura não foi fundamental para a atividade profissional que exercem atualmente, mas é útil, enquanto 36,6% indicaram que a licenciatura é fundamental (Gráfico 5.5).

Fazendo um cruzamento entre a pergunta sobre as razões que mais pesaram na decisão de ingressar na Universidade Aberta e a adequação da licenciatura realizada e a atividade profissional atual, podemos observar, por exemplo, que entre os/as licenciados/as que indicaram que o motivo “Mudar de categoria profissional/promoção” era importante ou muito importante, 44,2% afirmam que a licenciatura que realizaram é fundamental para a atividade profissional atual e 39,4% afirmam que não é fundamental mas tem sido útil.

Gráfico 5.5 Adequação da licenciatura à atividade profissional atual



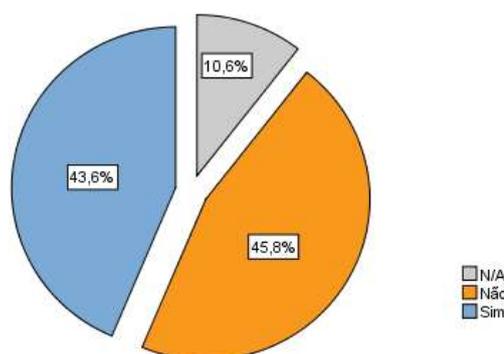
À medida que o desejo de alcançar posições mais favoráveis diminui (pouco/nada importante), também se verifica uma redução da relevância da licenciatura para a atividade profissional, embora a maioria (65,2%) assinale a licenciatura como útil. No entanto, neste aspeto não podemos deixar de ter em conta o pouco tempo ainda decorrido após a obtenção do diploma.

Tabela 5.1 Adequação da licenciatura versus pesos das razões na decisão

Que peso tiveram as seguintes razões na sua decisão de ingressar nesta licenciatura, na UAb?		Qual a adequação da licenciatura que realizou e a atividade profissional que desempenha atualmente? A licenciatura ...			
		<i>É fundamental para a atividade profissional atual</i>	<i>Não é fundamental, mas tem sido útil</i>	<i>É pouco adequada à atividade profissional atual</i>	<i>É irrelevante para a atividade profissional atual</i>
[Mudar de categoria profissional/promoção] (N=338)	Importante/Muito importante	44,2%	39,4%	7,8%	8,6%
	Pouco/Nada importante	7,2%	65,2%	13,0%	14,5%
[Melhorar as condições de trabalho](N=340)	Importante/Muito importante	43,1%	40,9%	7,1%	8,9%
	Pouco/Nada importante	6,8%	64,4%	15,3%	13,6%
[Desempenhar uma profissão que me parecia interessante] (N=331)	Importante/Muito importante	42,5%	40,2%	7,9%	9,4%
	Pouco/Nada importante	13,8%	66,2%	13,8%	6,2%
[aprofundar os meus conhecimentos e cultura geral] (N=356)	Importante/Muito importante	36,4%	45,2%	8,2%	10,2%
	Pouco/Nada importante	15,4%	30,8%	30,8%	23,1%

[prosseguir os estudos com maior flexibilidade e autonomia (sem horários)] (N=357)	Importante/Muito importante	36,2%	44,2%	9,1%	10,5%
	Pouco/ Nada importante	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%
[prosseguir estudos, sem ter que fazer semanalmente deslocações longas] (N=346)	Importante/Muito importante	35,3%	45,0%	9,4%	10,3%
	Pouco/ Nada importante	46,7%	40,0%	0,0%	13,3%
[estudar em regime de e-learning] (N=348)	Importante/Muito importante	38,1%	44,3%	8,1%	9,4%
	Pouco/ Nada importante	19,5%	51,2%	14,6%	14,6%
[Mudar de Atividade/Novas competências] (N=337)	Importante/Muito importante	40,3%	42,1%	8,4%	9,2%
	Pouco/ Nada importante	21,9%	57,8%	10,9%	9,4%

Gráfico 5.6 Alteração da situação profissional entre início e conclusão da licenciatura



Entre o início da licenciatura e o momento atual, acedeu ao 1º emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional

Com o objetivo de se compreender a existência de mobilidade profissional entre o início da licenciatura e o momento atual, nomeadamente se acedeu ao 1º emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional, verifica-se que 43,6% dos licenciados referem algum tipo de mudança na sua situação profissional (Gráfico 5.6).

Tentando aprofundar sobre a informação sobre a importância dos elementos selecionados, verifica-se que o nível de habilitações superiores é fundamental para 81,4% dos 172 respondentes que assinalaram esta opção e é importante para 12,8%. A segunda opção com mais respostas contabilizadas foi “competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura” (N=151), sendo próximas as percentagens dos que consideraram esse item como fundamental (44,4%) e importante (41,7%). Constatou-se que os elementos “professores” e “colegas” também foram importantes, mas em percentagens inferiores, mais

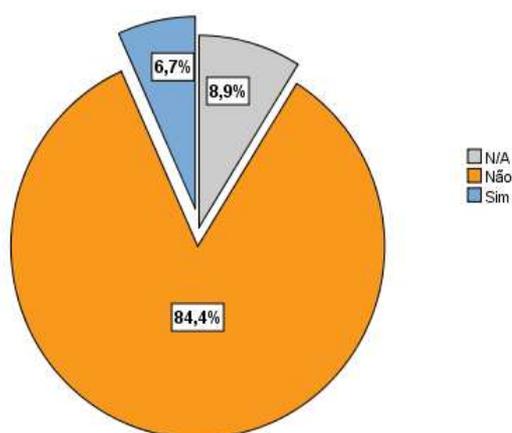
especificamente, os professores foram um aspeto fundamental apenas para 8,2% e importante para 26,4% dos respondentes. No caso dos colegas, estes são assinalados como importantes para 40,3% dos licenciados. Estes resultados estão em linha com os registados na 2ª edição do inquérito, havendo algumas diferenças, por exemplo, quanto à aquisição do grau de licenciado que, na presente edição, foi considerada fundamental numa percentagem mais elevada.

Tabela 5.2 Importância dos fatores selecionados para a mudança

Total de licenciados/as que assinalaram mudança N _{tot} =182	Fundamental		Importante		Pouco importante		Irrelevante	
	N	%	n	%	n	%	n	%
[Nível de habilitações superiores] (N=172, 94,5%)	140	81,4%	22	12,8%	6	3,5%	4	2,3%
[Professor(es)] (N=120, 65,9%)	15	8,2%	48	26,4%	29	24,2%	28	23,3%
[Colega(s)] (N=124, 68,1%)	11	8,9%	50	40,3%	32	25,0%	32	25,8%
[Competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura] (N=151, 83%)	67	44,4%	63	41,7%	13	8,6%	8	5,3%

A obtenção do diploma permitiu também que alguns respondentes tivessem aberto a sua própria empresa ou atividade profissional por conta própria (n=28, 6,7%).

Gráfico 5.7 Criação de empresa ou atividade por conta própria



Abriu alguma empresa ou atividade profissional por conta própria, entre o início da licenciatura e o momento atual-

Como resultados mais significativos para as possibilidades resultantes da obtenção do diploma, verifica-se que, no global, 58,8% dos licenciados afirma que a licenciatura permitiu melhorar a posição ou condições de trabalho de alguma forma – 43,3% na organização em que já trabalhava

e 12,6% noutra organização para a qual passou a trabalhar – enquanto 41,1% dos respondentes indicaram que a licenciatura não contribuiu para melhorar a posição profissional.

Constata-se ainda que, no total dos 417 inquiridos, mais de 50% (51,85%) referem que a licenciatura permitiu realizar atividades laborais mais gratificantes, principalmente na organização em que já trabalhava.

Em suma, as opiniões mais favoráveis ao impacto positivo da licenciatura centram-se na organização em que o licenciado já trabalhava (sombreado).

Tabela 5.3 Importância dos fatores selecionados para a obtenção do diploma versus existência e tipo de mudança profissional (sobre todos os respondentes)

<i>Em termos laborais, a licenciatura permitiu</i>	Na organização em que já trabalhava		Noutra organização para a qual passei a trabalhar		Por conta própria		Não	
	n	%	n	%	n	%	n	%
[Melhorar a posição profissional] (N=342)	148	43,3%	43	12,6%	10	2,9%	141	41,2%
[Alcançar uma situação laboral mais estável] (N=298)	71	23,8%	42	14,1%	8	2,7%	177	59,4%
[Mudar de atividade] (N=284)	57	20,1%	40	14,1%	12	4,2%	175	61,6%
[Realizar atividades laborais mais gratificantes] (N=309)	104	33,7%	41	13,3%	15	4,9%	149	48,2%

Com intenção de se conhecer a adesão ao associativismo profissional foi questionado aos licenciados se “está inscrito ou participa regularmente nas atividades de alguma associação profissional na área da sua licenciatura?”. Em resposta a esta questão, a grande maioria (81,2%) dos licenciados indicou não estar integrado numa associação profissional (Gráfico 5.8). Para uma análise mais detalhada fez-se um desdobramento dos 71 casos que responderam afirmativamente por licenciatura, no sentido de se identificarem as áreas em que existe maior ou menor afiliação associativa de carácter profissional (ver Tabela 5.4). Como se pode observar, as práticas de associativismo são bastante minoritárias em todos os casos e, na maioria das situações, correspondiam a pessoas que já tinham essa prática antes da realização da licenciatura.

Gráfico 5.8 Participação em atividades associativas na área da licenciatura

Está inscrito/a em (ou participa regularmente nas atividades de) alguma associação profissional na área da sua licenciatura-

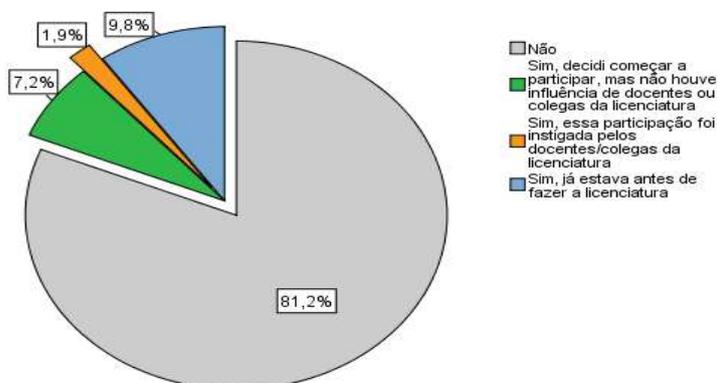


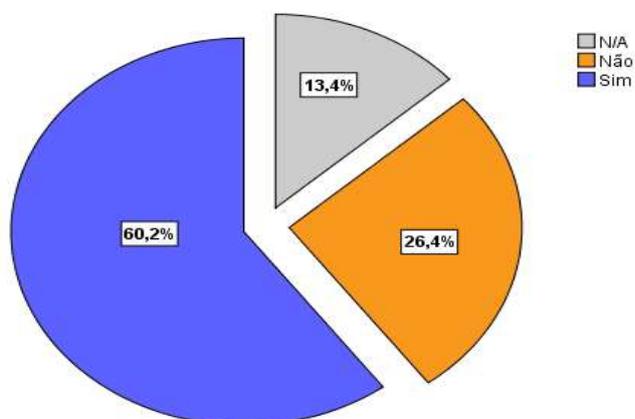
Tabela 5.4 Participação em atividades associativas, respostas por licenciatura

	Está inscrito/a em (ou participa regularmente nas atividades de) alguma associação profissional na área da sua licenciatura-			Total
	Sim, decidi começar a participar, mas não houve influência de docentes ou colegas da licenciatura	Sim, essa participação foi instigada pelos docentes/colegas da licenciatura	Sim, já estava antes de fazer a licenciatura	
Ciências da Informação e da Documentação	1	0	5	6
Ciências do Ambiente	4	2	0	6
Ciências Sociais	5	2	11	18
Educação	1	2	3	6
Estudos Artísticos	2	0	1	3
Estudos Europeus	1	0	0	1
Gestão	3	0	6	9
História	3	0	2	5
Humanidades	1	1	4	6
Informática	4	0	3	7
Matemática e Aplicações	1	0	0	1
Total	26	7	35	68
	38,2%	10,3%	51,5%	100,0%

Por fim, a maioria dos licenciados (60,2%) refere que, no geral, as condições de empregabilidade melhoraram com a realização da licenciatura.

Gráfico 5.9 Melhoria de condições de empregabilidade com a licenciatura

Em termos gerais, considera que as suas condições de empregabilidade melhoraram com a realização da licenciatura-



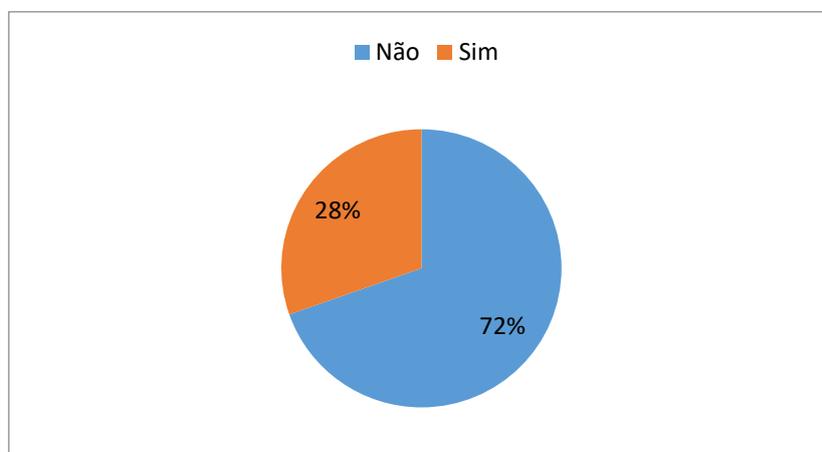
De acordo com os principais resultados obtidos sobre a situação profissional antes da licenciatura e após a conclusão e as perspetivas expressas quanto à melhoria de condições de empregabilidade, podemos concluir que a obtenção do diploma de licenciatura é considerada como tendo um impacto positivo para a mobilidade profissional e também para o aumento das competências técnicas e culturais.

6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta

Esta secção final do relatório trata da análise das respostas dos licenciados da Universidade Aberta entre 2016 e 2018, relativas aos seus projetos e perspetivas de futuro. Algumas das respostas abrangem pontos de reflexão sobre o percurso que convém relacionar com as análises dos capítulos anteriores. Para interpretar estas respostas, é importante ter em conta que as respostas foram obtidas em meados de 2020 e abrangem estudantes que se diplomaram antes da crise resultante da pandemia de COVID-19. Parte destes licenciados, cerca de 28% - uma proporção ligeiramente inferior à da edição anterior do inquérito – prosseguiram estudos superiores, como veremos.

Se consideramos as respostas válidas, cerca de 72% dos licenciados (340) declararam não ter prosseguido estudos superiores a seguir à licenciatura na UAb, enquanto 28% continuaram a estudar no ensino superior após ter concluído a licenciatura, em diferentes modalidades, como vamos ver a seguir.

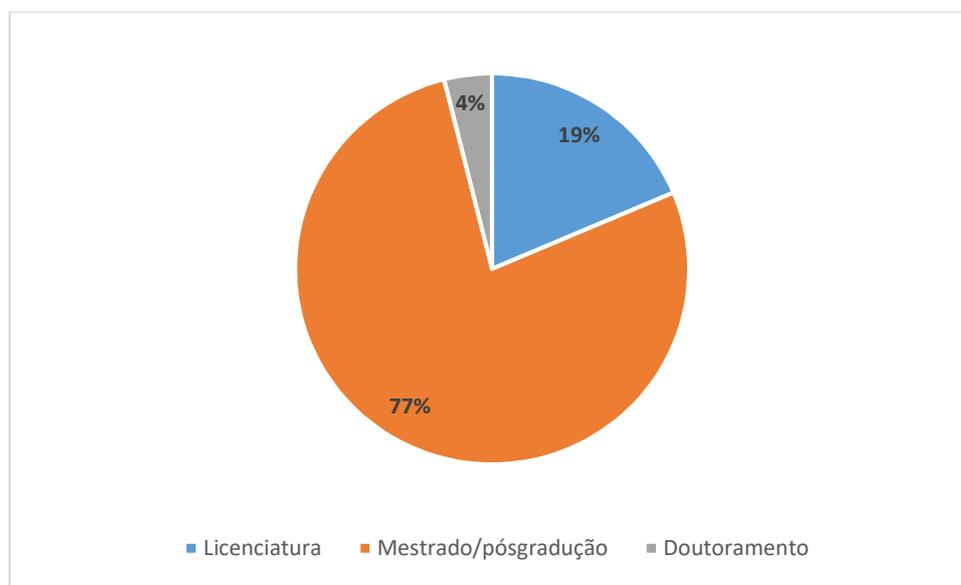
Gráfico 6.1 Inscrição no ensino superior após a licenciatura



Esta taxa de 28% de alunos/as (gráfico 6.1) que continuam no ensino superior é relevante e, como veremos, a maioria considera a opção de continuar na Universidade Aberta ou numa modalidade de ensino semelhante. É de realçar que o facto de estudar na instituição pode ser interpretado como um fator de motivação para prosseguir os estudos (como podem atestar algumas das respostas abertas dos alunos no final do questionário).

Além disso, mesmo entre aqueles que ainda não prosseguiram estudos, um número importante dos licenciados exprimiu a sua vontade de regressar aos estudos (mais de 94 considerando as várias respostas tomadas em conta). Destes, responderam 102 com a seguinte distribuição de tipos de formação superior, como se pode verificar no gráfico 6.2.

Gráfico 6.2 Nível do curso que frequentam depois da licenciatura na UAb



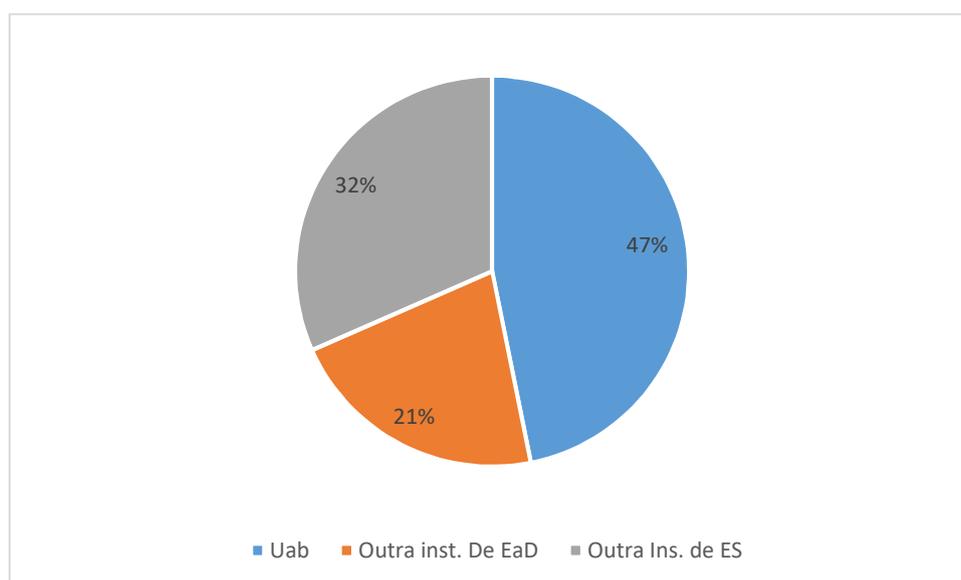
Dos estudantes que pretendem regressar ao ensino superior, a maioria quer aperfeiçoar-se, ir além de uma licenciatura, através de pós-graduação, mestrado ou, ainda, doutoramento, sendo apenas uma minoria a preferir a obtenção de outra licenciatura (19% do total), mesmo assim esta proporção é superior à das edições anteriores (10% em 2014-2015, por exemplo).

Também entre aqueles e aquelas que já se encontram a estudar, 77% estão a realizar uma pós-graduação ou um mestrado e ainda 4 alunos estão inscritos em programas de doutoramento (4%). Destes mestrados ou pós-graduações, a maioria é realizada em modalidade de Ensino a Distância e a maior parte dentro da oferta da Universidade Aberta, como aliás podemos inferir pela proporção global no gráfico 6.3. Entre os licenciados que prosseguiram estudos, 46,8% fizeram-no na instituição (proporção inferior à edição anterior do inquérito), 25% em outras instituições de ensino a distância e ainda 32% em outras universidades.

É de salientar, como referido anteriormente, o papel motivador no trajeto de parte dos alunos e das alunas da Universidade Aberta em continuar os estudos (Gráfico 6.3), não só na mesma instituição (46,8%), mas também noutras instituições de ensino superior a distância (25%) e em instituições de ensino superior presencial (32%). Neste contexto, a instituição desempenha um papel de promoção da formação superior, especialmente para estudantes que

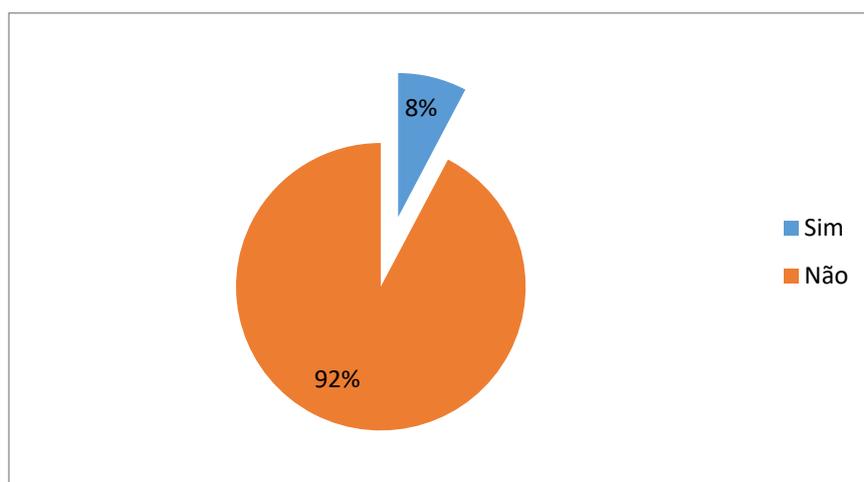
provavelmente não teriam feito a licenciatura se não encontrassem uma oferta disponível na Universidade Aberta. Uma proporção duas vezes superior escolhe a Universidade Aberta em detrimento de outras instituições do ensino superior. Na edição anterior, esta relação era quatro vezes superior. Saliente-se que 32% dos alunos e das alunas da Universidade Aberta prosseguem seus estudos em universidades ou politécnicos em modalidade de ensino presencial, o que pode ser considerado como um elemento a refletir sobre a mobilidade positiva dos licenciados da Universidade Aberta e o contributo da mesma para o espaço nacional de ensino superior.

Gráfico 6.3 Repartição dos/as licenciados/as que prosseguiram os seus estudos, por tipo de instituição



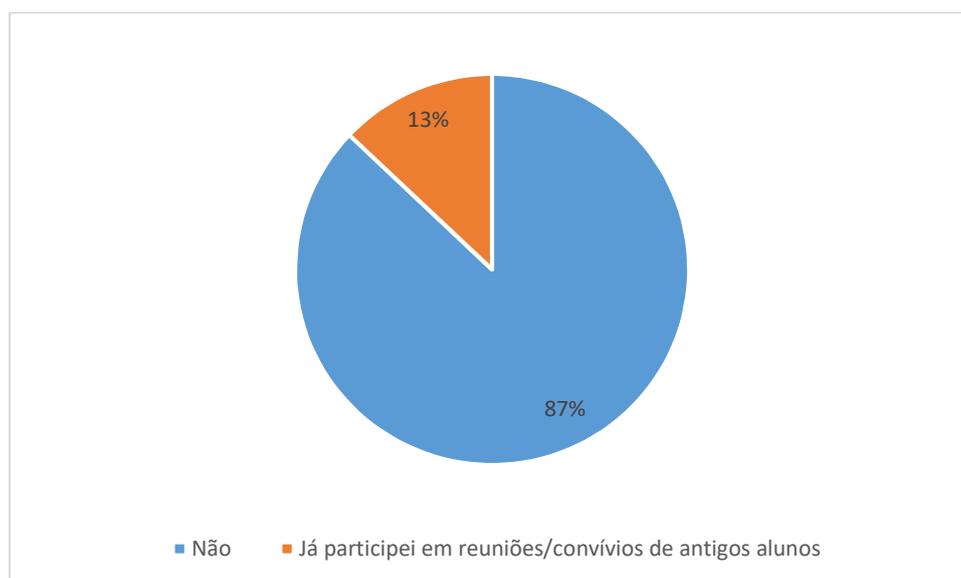
Destaque-se ainda que na questão seguinte sobre a manutenção de contactos com a Universidade Aberta, 54 (13%) responderam estar a realizar licenciatura, pós-graduação, mestrado, doutoramento ou ALV na instituição. No cômputo geral, e fora o caso da inscrição em cursos, a participação posterior em projetos e atividades da Universidade Aberta é relativamente baixa, como atestam os gráficos apresentados em seguida. Assim sendo, apenas 5,8% dos licenciados em 2016 e 2018 participa em projetos ou atividades da UAb, o que corresponde a uma taxa ligeiramente inferior à do relatório anterior (Gráfico 6.4).

Gráfico 6.4 Participação em projetos/atividades da UAb



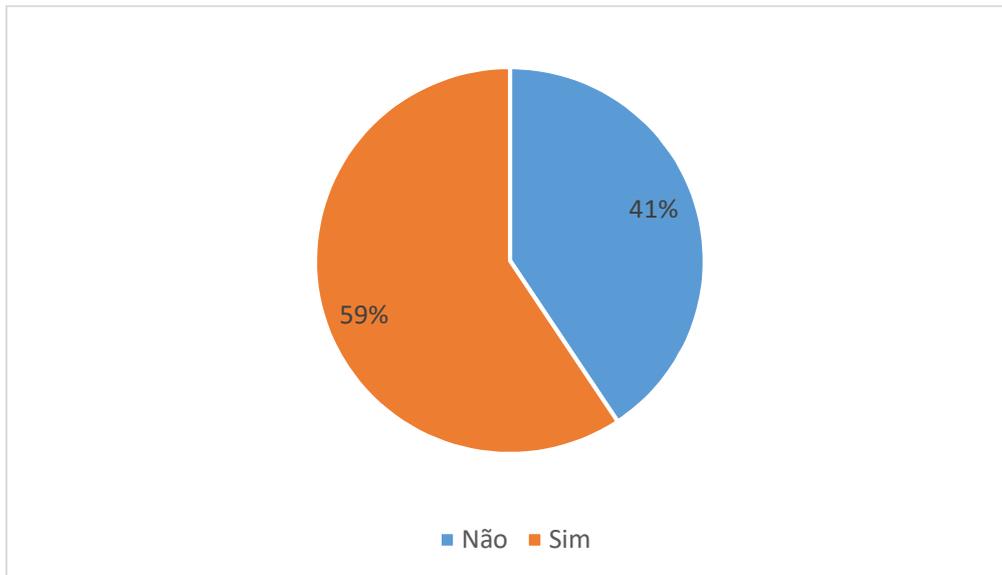
Também a proporção de participação em reuniões e convívios de antigos alunos reduziu-se para 12,9%, quando o valor observado na edição anterior foi de 17% (Gráfico 6.5).

Gráfico 6.5 Participação reuniões/convívios de antigos/as alunos/as.



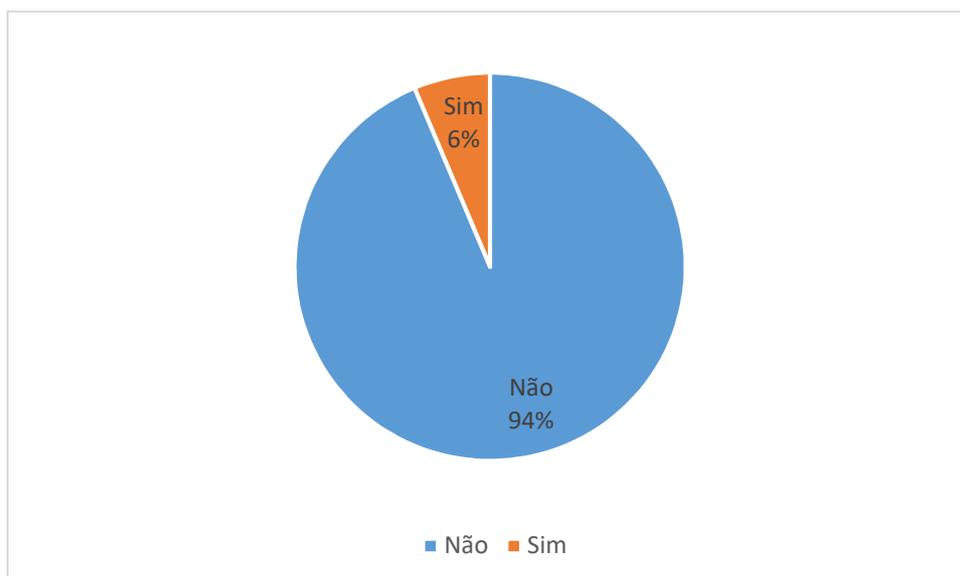
Quase 60% dos licenciados afirmam receber informação eletrónica da Universidade Aberta ou seguir a instituição nos *media digitais* (Gráfico 6.6). A diferença relativamente às outras proporções tem interpretação simples e relaciona-se com a premência do fator espacial e das vivências quotidianas, dado que a larga maioria dos estudantes trabalha a tempo inteiro e tem responsabilidades familiares, encontrando-se territorialmente mais dispersa.

Gráfico 6.6 Receção de informação eletrónica da UAb e media digitais



A percentagem dos licenciados em 2016 e 2018 que mantêm o contacto com ex-professores ronda os 6%, um número baixo e que merece atenção, sendo os dados dos anos anteriores semelhantes (em 2014-2015 foi de 7%).

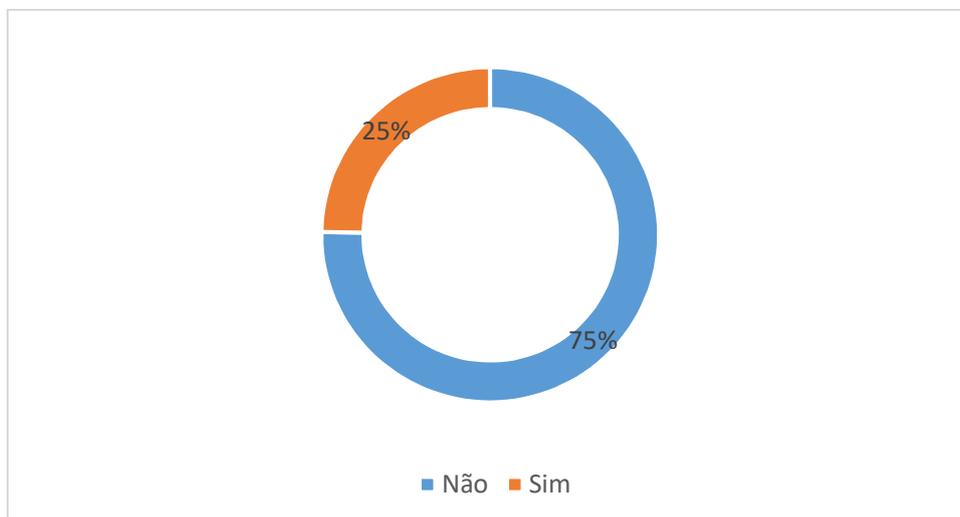
Gráfico 6.7 Contacto com ex-professores



Como previsto, o contacto com os e as ex-colegas é mais elevado, na ordem dos 28% (Gráfico 6.8). E aqui também devem entrar em consideração os fatores geográficos, mas em sentido

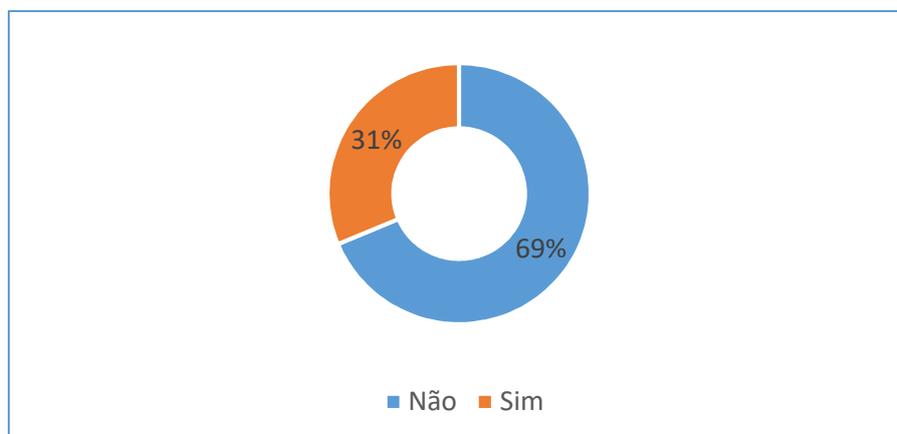
contrário ao dos professores. Ao longo dos estudos e das avaliações, muitos e muitas estudantes vão conhecendo colegas da sua área de residência, de local de exame ou de trabalho.

Gráfico 6.8 Contacto com ex-colegas



Quase três quartos dos graduados e das graduadas não mantiveram contactos com a Universidade Aberta após terem concluído a licenciatura (69% agora enquanto era 72% no inquérito anterior em 2014-2015 e 75% em 2012-2013), aspeto que merece reflexão, até por contrastar com as perceções genericamente positivas acerca da instituição e com os projetos de prossecução de percursos de formação ao longo da vida (ver gráfico 6.9).

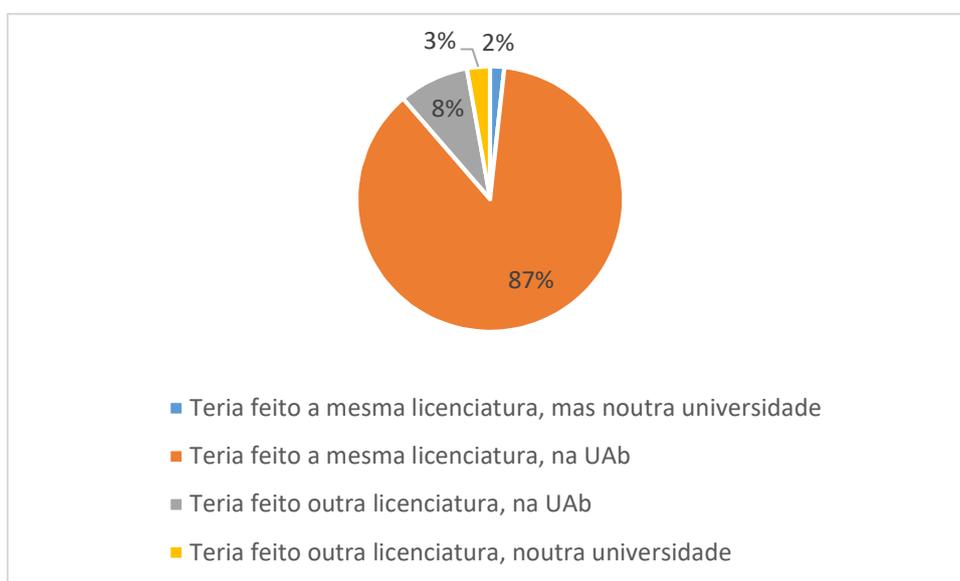
Gráfico 6.9 Contacto com a UAb posterior à conclusão da licenciatura



Colocando-se a possibilidade de voltar atrás no seu percurso (Gráfico 6.10), a larga maioria (87% na edição atual e 82% na edição anterior) dos diplomados teria realizado a mesma licenciatura,

na Universidade Aberta, o que não deixa de ser um indicador positivo, sendo consistente com a satisfação da maioria dos diplomados com os estudos realizados na instituição, já analisada no capítulo 4. É curioso que mesmo entre aqueles que, se pudessem voltar atrás, teriam escolhido outra opção, a maioria teria optado por realizar outra licenciatura na Universidade Aberta (8%). Só a opção “teria feito outra licenciatura, noutra universidade” passou de quase 4 % em 2014-2015 para 8 % na atual e mais recente edição do estudo, o que vai no sentido de uma apreciação mais crítica do curso realizado, sendo possível também que esteja em causa a evolução da oferta formativa noutras universidades, por parte dos alunos diplomados do primeiro ciclo (ver também o gráfico 6.2. e respetivos comentários).

Gráfico 6.10 Resultados da resposta à questão “Se pudessem voltar atrás...”



Em termos de projetos e expectativas (Gráfico 6.11), podemos destacar três subgrupos.

Um primeiro, mais reduzido, em que a perspetiva de mudança é importante, por necessidade ou por opção. Este primeiro grupo, que totaliza 11% dos inquiridos, é composto por quem está à procura de um emprego (5,6%) ou quem está a pensar abrir uma empresa ou iniciar um negócio por conta própria (5,3%). Esta proporção está em ligeiro aumento em relação a 2014-2015, sobretudo relacionado com o aumento dos que pensam abrir uma empresa ou iniciar uma atividade por conta própria, uma evolução comparável à de outras instituições de ensino superior em Portugal e na Europa.

O segundo grupo é constituído por quem pretende mudar de profissão dentro da organização laboral em que se encontra (12,8%), manter-se na profissão, mas mudando de organização (6,2%), ou ainda mudar simultaneamente de profissão e de organização (12,7%).

Em qualquer dos casos, é de realçar que há um conjunto de alunos com perspectiva de mudar por várias razões e que totalizam 29 % do total dos inquiridos. É uma proporção significativa, e até surpreendente, especialmente se tomarmos em conta o perfil dos nossos alunos e sua distribuição etária (ver capítulo 2).

Estes dois primeiros grupos são os da perspectiva de mudança, mas existe ainda um terceiro subgrupo, dominante, o da “prudência”, com um total de 70% dos estudantes, podendo aqui esta opção estar mais associada a lógicas de lealdade ou de apatia. Não há neste grupo aposta no risco de mudança, sendo possível distinguir duas categorias: os que se conformam, esperando manter-se na situação em que se encontram e/ou reformar-se (31,2%) e os que esperam evoluir dentro de uma estabilidade garantida, através de uma promoção ou mudança de posto de trabalho dentro da organização (39%). Note-se que este subgrupo representa quase dois terços do total e que há um pouco mais de quarto do total que não parece ter esperança de evoluir (31%), enquanto dois quintos (40%) espera uma progressão de continuidade.

Gráfico 6.11 Projetos/expetativas profissionais a 3 anos



Quase metade dos diplomados e das diplomadas encara a possibilidade de, no futuro, realizar um curso de pós-graduação ou de segundo ou terceiro ciclo nos próximos três anos (48%) e apenas 7% uma outra licenciatura (gráfico 6.12). Estes dados são consistentes com os avançados

anteriormente no gráfico 6.2 sobre nível de curso pretendido. Ainda 26 % dos alunos inquiridos consideram a possibilidade de realizar formação de curta duração nos próximos três anos.

Gráfico 6.12 Ponderação de projetos/expetativas de educação/ formação para os próximos três anos (pós-graduação, 2º e 3º ciclos)

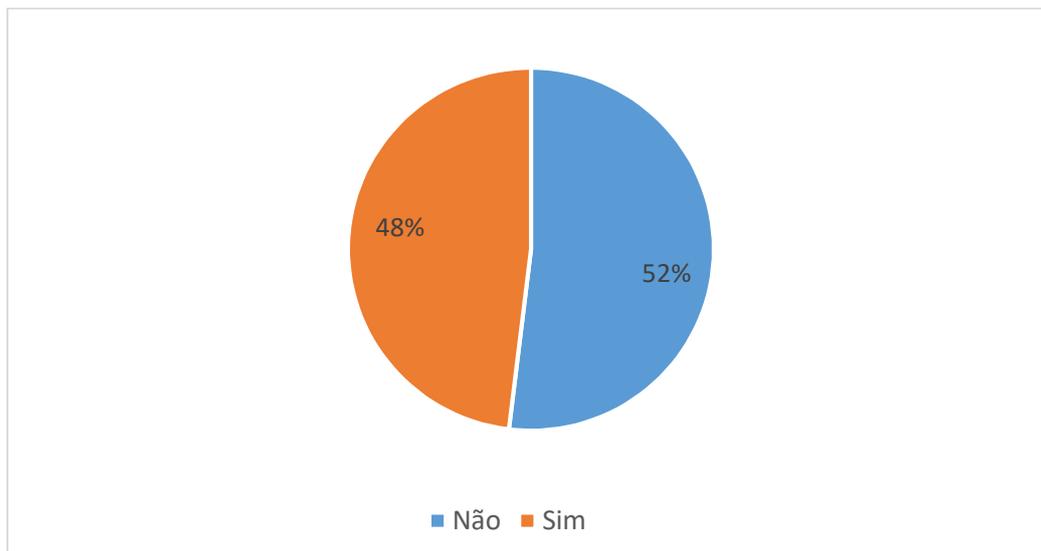
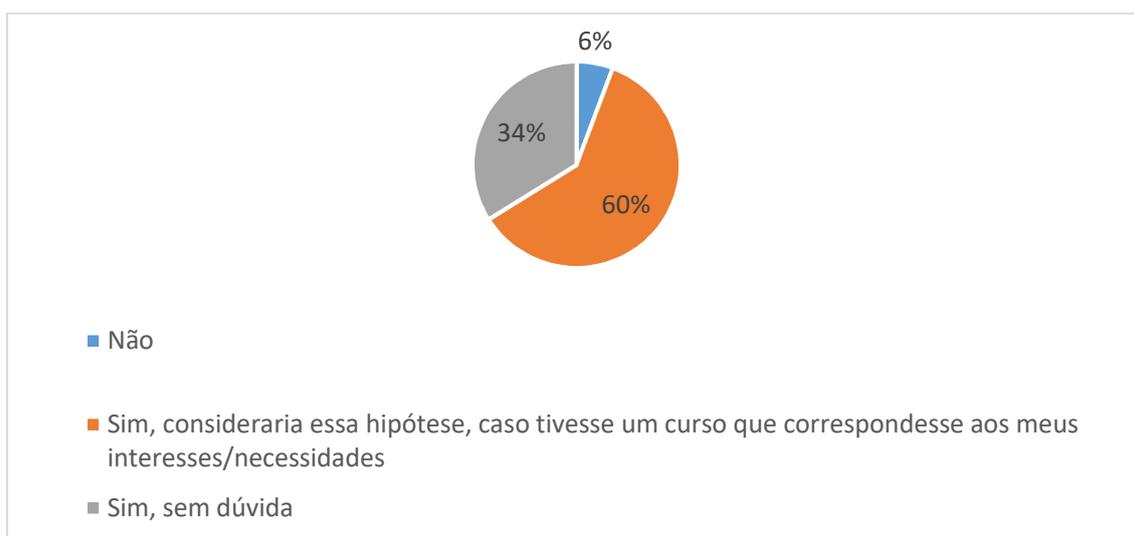


Gráfico 6.13 Ponderação da Universidade Aberta para concretizar dos projetos formativos



No caso daqueles e daquelas que têm projetos formativos para os próximos anos, a larga maioria coloca a possibilidade de fazê-lo na Universidade Aberta, distinguindo-se um segmento de 33,9% que não tem dúvidas quanto a essa questão e um outro, mais numeroso (60%), que

colocaria essa possibilidade, caso encontre na instituição uma oferta formativa que se adeque aos seus interesses e/ou necessidades (Gráfico 6.13). Só 6% não ponderam esta possibilidade. Estas proporções são estáveis em relação aos resultados do inquérito anterior.

Quanto às áreas de formação que pretendem estudar, de um total de 240 respostas válidas para a primeira opção de formação, as áreas para estudo futuro que mais se destacam são as Ciências Sociais (43 respostas), a Gestão (40), a História (17), as Línguas e Humanidades (14), a História, Museologia e Património (21) a Informática (13), a Educação (10), e as Ciências do Ambiente (11).

Podemos constatar que há cada vez menos respostas que incluem as áreas de formação quando se passa da área privilegiada ou primeira escolha (240) para a segunda escolha (165) e a terceira escolha (103), surgindo alguns temas mais específicos, como o empreendedorismo. Tal como noutros, neste caso, será importante uma análise mais aprofundada, no seio de cada área científica, o que supera os objetivos deste relatório.